



**O FLAMENGO**  
*não acreditou  
nele*

O GLOBO

**SPORTIVO**

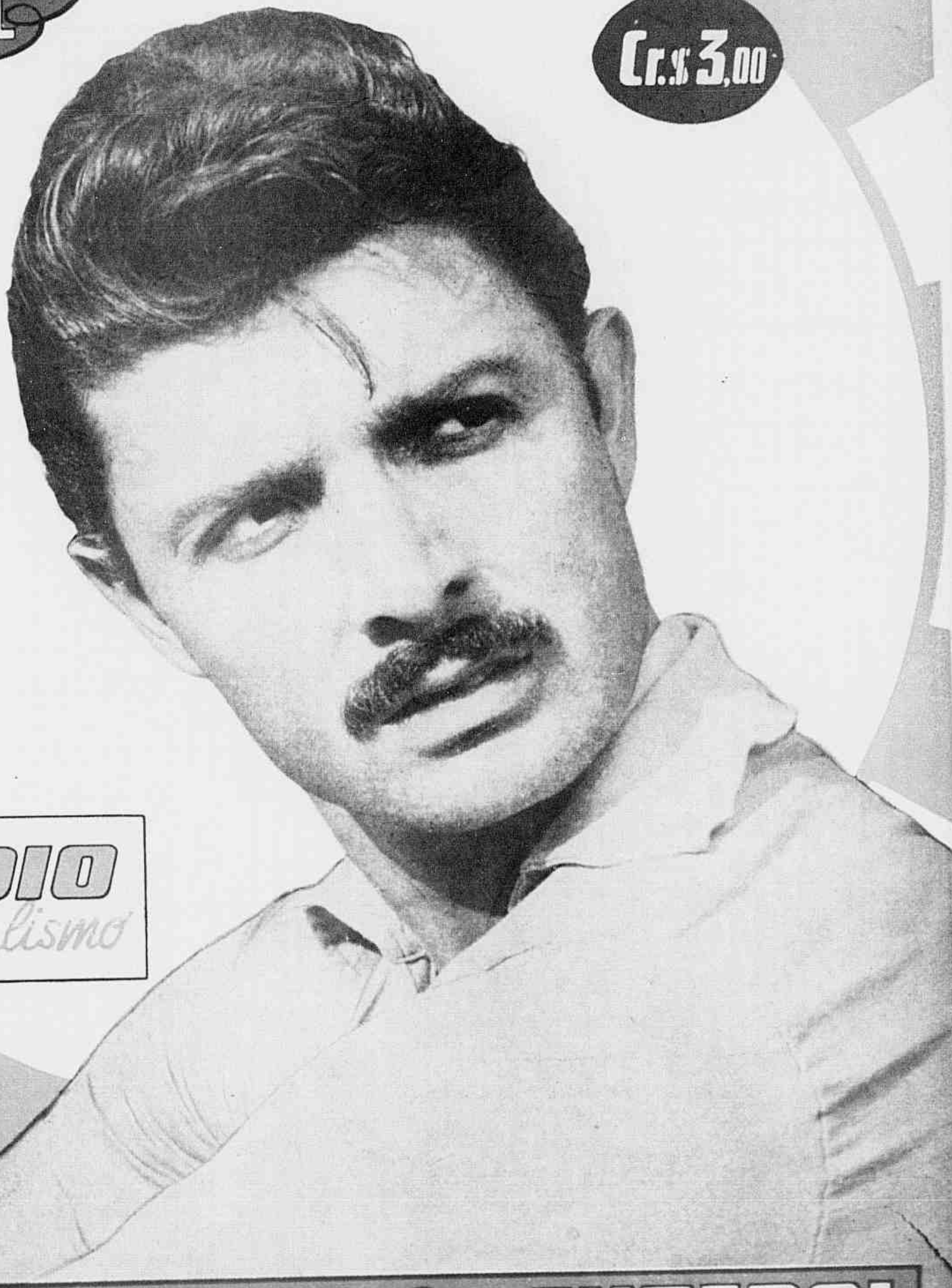
ANO XIII - 13 - X - 1951 - Nº 651

**O QUE DESAGRADA**  
*no* **FUTEBOL**

**Cr. 3,00**

**PRELÚDIO**  
*do profissionalismo*

**OSWALDO, o PIN UP do FUTEBOL**

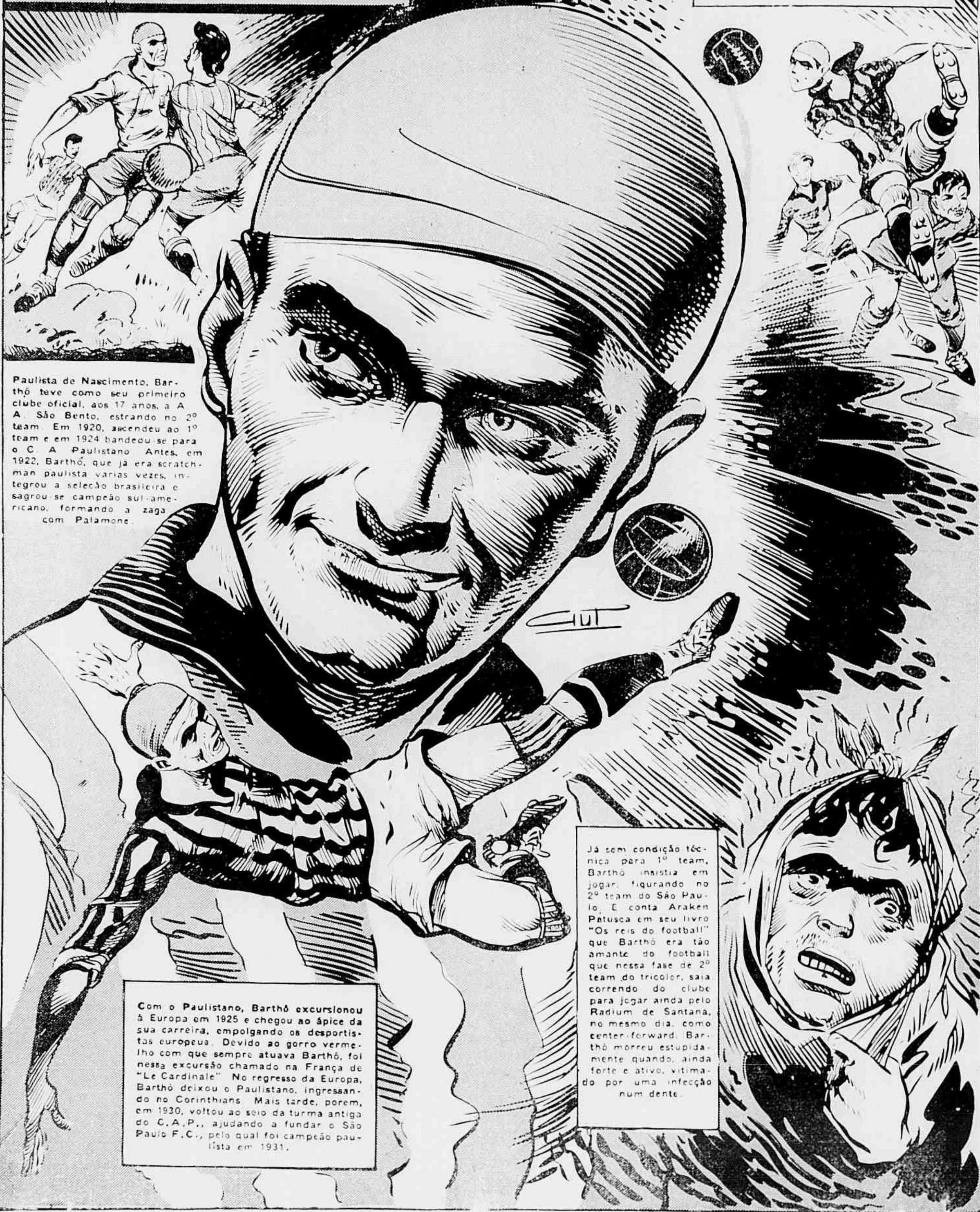


# BARTHÔ

Bartholomeu Vicente Gugani, o Barthô, foi um dos grandes zagueiros nacionais do passado. Um zagueiro que se destacava pela elasticidade de movimentos, pelas suas cabeçadas e pelos acus saltos espetaculares, à moda dos que Biguá empregava na época boa do tri-campeonato do Flamengo.



Paulista de Nascimento, Barthô teve como seu primeiro clube oficial, aos 17 anos, a A. A. São Bento, estrando no 2º team. Em 1920, ascendeu ao 1º team e em 1924 bandeou-se para o C. A. Paulistano. Antes, em 1922, Barthô, que já era scratchman paulista varias vezes, integrou a seleção brasileira e sagrou-se campeão sul-americano, formando a zaga com Palamone.



Com o Paulistano, Barthô excursionou à Europa em 1925 e chegou ao ápice da sua carreira, empolgando os desportistas europeus. Devido ao gorro vermelho com que sempre atuava Barthô, foi nessa excursão chamado na França de "Le Cardinal". No regresso da Europa, Barthô deixou o Paulistano, ingressando no Corinthians. Mais tarde, porém, em 1930, voltou ao seio da turma antiga do C. A. P., ajudando a fundar o São Paulo F. C., pelo qual foi campeão paulista em 1931.

Já sem condição técnica para 1º team, Barthô insistia em jogar, figurando no 2º team do São Paulo. E conta Araken Patusca em seu livro "Os reis do football" que Barthô era tão amante do football que nessa fase de 2º team do tricolor, saía correndo do clube para jogar ainda pelo Radium de Santana, no mesmo dia, como center-forward. Barthô morreu estupidamente quando, ainda forte e ativo, vítima por uma infecção num dente.



## A decadência do palavrão

Em dia de jogo, não demora muito, o alto-falante do Estádio repete o apelo: não digam palavrões. Com o Estádio muita menina, muita moça, muita senhora vai ver futebol. Enquanto a grande arquibancada não fica cheia a gente pode ver famílias inteiras entrando. O pai na frente, de peito estufado, como se o Estádio fosse dele, a mulher logo atrás, e, em fila indiana, a filha, uma moça, uma menina ou um garoto deste tamanho, a Babá por último, fechando o cordão. Depois não se vê mais nada: a multidão toma conta de tudo. E a multidão não tem sexo nem idade. Embora seja mais homem. Pelo menos a gente, olhando, quase que só vê homem. Mulher só se estiver por perto. Por isso o alto-falante do Estádio não se cansa de pedir: não digam palavrões. O futebol não é mais aquele dos outros tempos. Mulher só nas bancadas sociais e, quando muito, nas cadeiras numeradas. E cada vez menos. O que fazia o saudosista suspirar: futebol era o dos velhos tempos. A bancada social do Fluminense, mal comparando, parecia um "bouquet" de flores. Os jogadores entravam em campo e não queriam saber de olhar para outro lado. As moças da missa das onze do Largo do Machado estavam todas lá. De chapéu e de leque. Os chapéus floridos como canteiros na primavera. Os leques tinham cintilações de madrepérola. E os gritinhos que as moças davam! Só os velhos que ainda iam ao futebol, mal humorados, resmungando, é que tinham ouvido esses gritinhos. Esses gritinhos que não se ouviam mais. Também como é que uma moça podia entrar numa arquibancada? Não por causa dos bolinas. Quem está vendo um bom "match" não tem tempo de pensar nessas coisas. A bola de lá para cá, o coração do torcedor apertado, a boa junto dele, ele nem te ligo. Mas, se a mão do torcedor ficava quieta, a boca quase que só se abria para o palavrão. E os campos pequenos. Um grito de um lado se ouvia no outro. Nem as moças das bancadas sociais ficavam livres dos palavrões que atravessavam o campo. Era o que explicava a ausência, cada vez maior, das moças nos campos de futebol. Dizia-se abertamente que moça de família não podia ir a futebol. A expressão futebol é jogo de homem passou a valer também nas arquibancadas. Os homens cada vez perdendo mais o respeito. A gente olhava e via torcedor de pijama, torcedor de peito nu. Se o futebol era jogo de homem não fazia mal. Era como se os homens estivessem botando as moças para fora dos campos. E as moças gostavam do futebol, queriam ir. Tanto que quando chegou o Estádio elas voltaram. Não mais de chapéu e leque, de cabelos ao vento, de vestidos alegres, de calça, cada uma com um lenço em vez do leque, para o adeus da vitória. Foi uma alegria para todos a volta das moças para o futebol. Uma alegria tão grande que muita gente ficou com medo que elas jugissem de novo. Se elas largassem o futebol outra vez seria para nunca mais. O que faz o alto-falante do Estádio pedir quase nervosamente: não digam palavrões. Quem ouve o apelo do alto-falante inclina logo o ouvido e fica à espera do palavrão. Porque o torcedor dá a vida para fazer o contrário do que lhe pede o alto-falante. Não atirem fogos e é cada explosão de meter medo. Não queimem jornais e aí é que se acendem as fogueiras das arquibancadas. O palavrão, porém, não vem. Não é por causa do apelo nervoso do alto-falante do Estádio. Nem por causa das moças. É porque não adianta. O torcedor pode gritar à vontade, ninguém o há de escutar. No mar de sons da multidão, as ondas subindo e baixando, o palavrão é um naufrago perdido. O jogo só pra homem é agora de família também.

MARIO FILHO.





E existe o suplício do público. A falta de condução obriga-o a verdadeiro malabarismo e a má acomodação acaba de tirar-lhe o bom humor. Isso é lógico concorre para muitos aborrecimentos.

**N**UM país em que tudo é mais ou menos caro, em que os cinemas não chegam para a população, compreende-se que os campos de futebol vivam superlotados. Isso, pelo menos, acontecia antes da construção do Estádio Municipal e ainda acontece em parte devido à falta de compreensão de muitos dos nossos dirigentes. Os inconvenientes estão gritando aos ouvidos dos responsáveis e os fatos comprovam a necessidade de uma revisão dos hábitos, mas a politicagem costuma a sobrepôr-se aos interesses do público e, em 1951, assistimos a novas cenas que deveriam estar banidas de nossa cidade. Antigamente, quando o futebol não havia atingido a popularidade atual, estava certo que os clubes não oferecessem aos assistentes toda a comodidade. Mas o esporte cresceu e justificou o Maracanã, o que deixa para o passado tudo o que existia em matéria de campo de futebol. Não é justo, portanto, que se insista ainda na realização de partidas de importância em locais pouco apropriados, evitando-se assim os



Quando o gramado fica parecido com os campos ingleses no inverno o torcedor gostaria que não houvesse futebol. A "pista pesada" transforma as partidas em espetáculos ruins, entregando à sorte a sua decisão.



O pior do esporte é quando os paredros estão reunidos. Raramente cuidam dos interesses gerais, pois parece ser a preocupação única o desejo de colocar o próprio clube acima da coletividade.

De RICARDO SERRAN  
Fotos de INDAIASSU LEITE



Nem sempre a culpa é da violência, pois o acaso também concorre para os choques que trazem contusões dos jogadores. Pena, porém, que em alguns casos os profissionais do mesmo ofício usem de processos condenáveis para resolver lances dos jogos.

atropelos e as consequentes contusões dos torcedores. Essa, sem dúvida, é a coisa que mais incomoda no futebol metropolitano. Os dirigentes, às vezes, dão a impressão de que estão muito atrasados em relação ao desenvolvimento esportivo do país. Diga-se que os interesses clubísticos prevalecem, quando o torcedor deveria estar em primeiro plano, já que se trata de espetáculo público. Vocês que vão a campo de futebol, que todos os domingos concorrem com os cruzeiros para a receita dos clubes, sabem o que representa a presença num campo pequeno. Há a condução, difícil nos dias de jogos como habitualmente nas horas de trabalho dos dias úteis. Espremidos nos ônibus, fazendo ginásticas nos bondes, arriscando a vida nos lotações, antes de alcançar o local dos jogos o sacrifício já é grande. Quando toca a vez do Maracanã, ainda existe espaço suficiente para descansar as pernas e preparar-se para a viagem de volta. Noutros lugares, porém, o que aconteceu nos bondes, ônibus e lotações é apenas aperitivo para o que sucede. Pena que o torcedor não queira reagir contra os enganos dos dirigentes, usando a arma da "greve branca", ausentando-se das competições em sinal de protesto. Nasce, daí, o abuso e não têm adiantado as reclamações.

#### JUIZES QUE ESTRAGAM O ESPETÁCULO

**P**ELA ordem, depois temos os juizes. Os dirigentes das partidas, em geral, não têm uniformidade na arbitragem. É quase uma adivinhação saber como atuará o juiz A ou B. Uns são enérgicos, até em excesso. Outros nasceram para concordar com todo mundo e não gostam de aborrecimentos. Num domingo assiste-se à expulsão de elementos-chaves sem pretexto aparente, para na rodada seguinte ver-se o árbitro como espectador de cenas de "farwest". Não há medida para faltas técnicas e muito menos para as infrações à disciplina. É natural que as atuações dependem, inclusive, do fator temperamento dos juizes, mas a disparidade é muito grande para que se possa entender. Surgem, assim, casos quase todas as semanas, tanto mais que os paredros também são temperamentais. Não culpem, porém, apenas os juizes nacionais. Aqui estiveram vários árbitros ingleses e todos devem estar lembrados do que ocorreu. Mr. Ford, por exemplo, punia inflexivelmente todas as infrações na área de zagueiros, chegando a ser chamado de "rei do penalti". Já Mr. Barrick ou Mr. Lowe aceitavam as mesmas faltas sem qualquer providência. Na Copa do Mundo, no desfile de juizes de quase todos os países concorrentes, o critério também variava. Isso no que toca à parte técnica. No setor disciplinar, embora houvesse maior uniformidade, as exceções foram acima das previsões dos entendidos.



# O QUE DESAGRADA NO FUTEBOL

## O MAL DOS PARETROS

**H**Á, também, os que não atuam em campo, mas que, para pesar de todos, jogam muito do lado de fora das quatro linhas. Os gols que marcam nas reuniões ou nas esquinas, as defesas que praticam sem estar uniformizados trazem piores consequências do que os lances decisivos das pelepas. Afirma-se que são abnegados, que se sacrificam pelo esporte, embora sejam raros os casos de renúncia a essa vida de complicações. De um modo geral, gostam de perder as noites nas sessões em que debatem assuntos eternos, gostam de brigar entre si e contra os juizes e acabam produzindo pouco para os seus próprios interesses. Acredita-se que tenha realmente boa vontade de fazer o melhor, porém os anos vão passando e cada vez os resultados aparecem menos. Influem decisivamente na ação dos jogadores e dos juizes, preocupam o público e tornam o futebol um jogo mais difícil do que realmente é. Como têm sete dias para jogar, levam a vantagem ainda de poder mandar. Os craques e os torcedores,

|        |   |
|--------|---|
| PRETOS | 9 |
| ALVOS  | 0 |



Contagens elevadas nunca significam uma boa partida. Não agradam, portanto.



Há juizes que atrapalham as pelepas, marcando tudo. Aham, naturalmente, que assim evitam a violência. As vezes nem ao menos alcança tal objetivo, mas sempre truncam o desenrolar dos encontros.

no fundo, são transformados em marionetes. O pior é que não demonstram muitas qualidades para mexer com os cordéis. Daí a confusão diária. Felizmente o futebol no Brasil tem progredido, a despeito dos dirigentes.

## O USO E ABUSO DA VIOLÊNCIA

**M**AS o aspecto mais condenável é o da violência de certos jogadores. Isso não desagrada apenas, pois merece reprovação. É incrível que os jogadores procurem atingir os colegas de profissão. As armas que usam transformam a guerra fria dos paredros em conflito autêntico. Os recursos desleais deveriam ser punidos com a maior severidade possível, pois o próprio culpado teria benefícios com a suspensão. Haveria tempo para pensar no erro cometido e nas consequências do ato praticado, tanto mais que amanhã poderia ser vítima. Não há em futebol caso de vida ou de morte. O máximo que pode acontecer num revés é a perda da gratificação. Isso, porém, poderá ser descontado no domingo seguinte, quando surgir a reabilitação. Existem jogos que lembram caçadas, sendo os atacantes as presas preferidas. Pretendem, alguns, que isso represente entusiasmo na defesa de suas cores, mas é indistigável o intuito de prejudicar fisicamente o contendor. Os exemplos são constantes e não adianta insistir no pretexto de que futebol é jogo para homem, pois isso não importa em afirmar que o seja para selvagens.



Há, também, na lista das coisas que desagradam, os "técnicos" improvisados, encontrados em qualquer parte da cidade, principalmente depois dos jogos...

## OS GRAMADOS IMPRATICÁVEIS

**D**IANTE do alto custo dos jogadores, é justo que os clubes queiram ver os seus quadros em atividade constante. A sucessão de espetáculos é que permite maiores arrecadações, indispensáveis para fazer frente às despesas que crescem. Há dias, contudo, em que todos perdem com a realização de jogos. As chuvas torrenciais não respeitam nem o gramado do Maracanã e então futebol não é o jogo que alguns corajosos assistem. A bola fica pesada, as poças estragam lances e os arqueiros ficam expostos a falhas fatais. Nesses dias a técnica entra em férias e cabe à sorte decidir todas as pelepas. Dizem que o adiamento provocaria complicações sem conta, mas num país tropical deveria ser prevista a folga no calendário para permitir as transferências. Os eruditos do futebol citam a Inglaterra, onde os jogos são realizados de qualquer forma, no inverno (com a neve cobrindo a grama) ou no verão (com o gramado enlameado). Acontece, porém, que os ingleses têm vinte e dois clubes na primeira divisão e outros tantos na segunda, disputando torneios de igual importância. Isso, portanto, não facilita a confecção de uma tabela com domingos de folga. No Brasil, porém, o calendário ainda é um problema e os onze clubes para vinte e duas rodadas acabam enchendo o ano todo, graças ao esbanjamento de datas.

## A NOSSA CAPA

Embora sem vencer o Vasco, pode-se afirmar que o Bangu está plenamente reabilitado, mostrando inclusive que ainda pode ser considerado um dos grandes candidatos ao título. Na nossa capa apresentamos uma pose de Oswaldo, o goleiro banguense que ainda não pode ser dado como reabilitado, pois falhou num lance anterior ao gol do Vasco, deixando de cortar o centro alto que foi aos pés de Friaca e daí às suas rédes. Mas, ainda assim, nas demais intervenções Oswaldo demonstrou que está no caminho da boa forma.

Em 1929 foi homologado o 1.º recorde — Recordes cariocas dos 100, 200, 300, 400 e 500 metros nado livre — Aram Boghossiam, o último detentor de todos os recordes cariocas de nado livre — O "fita azul".  
(De JOSÉ PERELMITER)

**A**NTES de 1929 não se nadava oficialmente em piscinas. As competições aquáticas eram realizadas em mar aberto, e não se homologava os tempos recordes consignados pelos amantes da natação. Tudo era realizado do modo mais simples possível. Não despertava o interesse das multidões, como acontece hoje em dia, em que uma competição que conta com o nome de Sergio Aram ou Okamoto proporciona somas bem apreciáveis. Isto significa que a natação vem despertando vivo interesse no seio do público. Embora o futebol seja o esporte "mestre" no Brasil, a natação está tomando vulto de dia para dia.

#### O CONSTANTE DUELO

**E'** BEM interessante notar a constante luta dos nadadores contra o cronógrafo. Como já dissemos acima, somente em 1929 é que iniciaram a homologação dos recordes batidos pelos "ases" da aquática carioca. Desde o início das homologações, o interesse pela natação foi crescendo, tanto assim que insistentes tentativas se foram realizando e, de vez em quando, as marcas eram melhoradas.

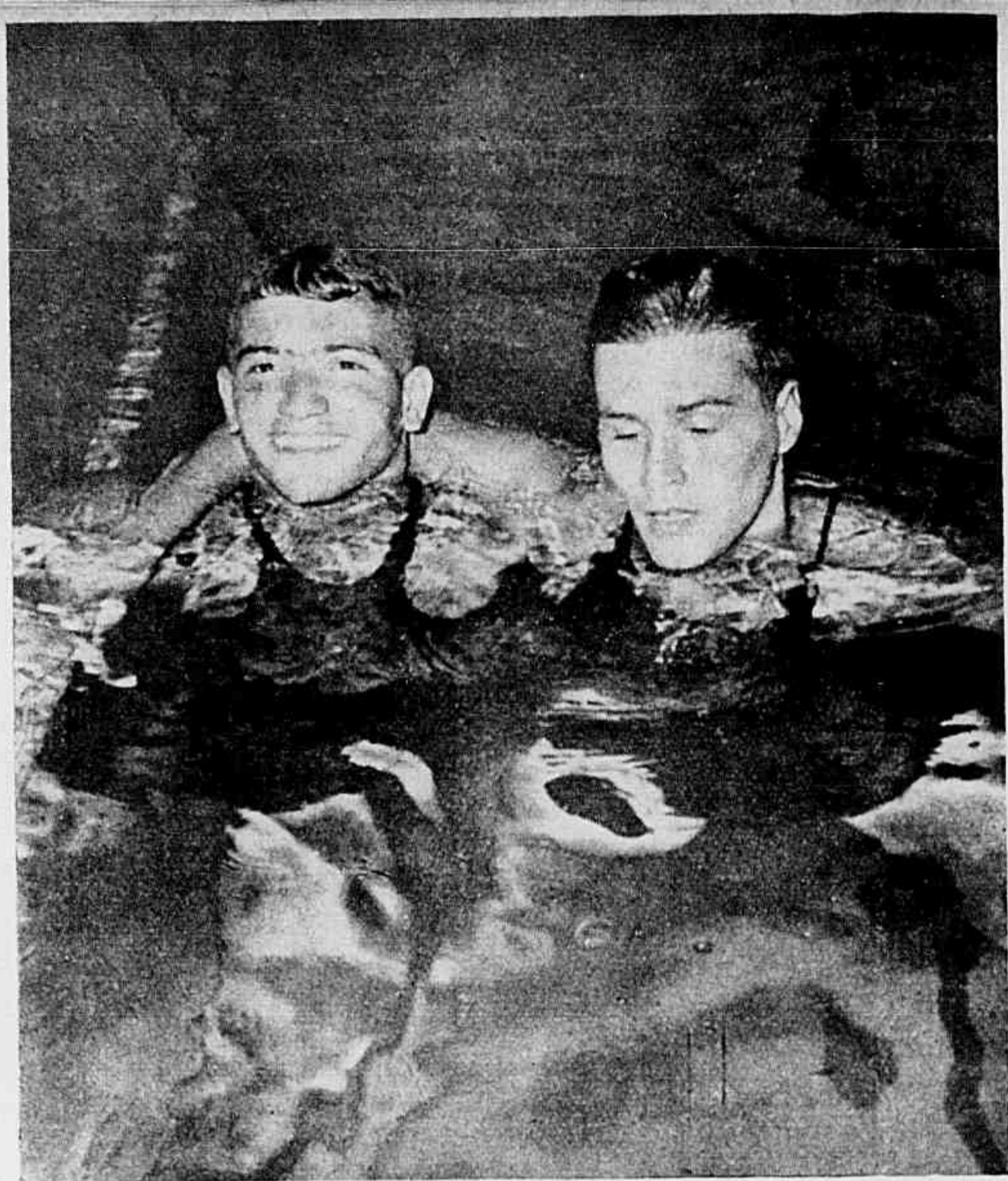
Com relação à prova dos 100 metros homens nado livre, o primeiro recorde foi homologado em 15 de dezembro de 1929, e foi assinalado por João Pedro Pereira, na piscina do Fluminense, consignando o tempo de 1'11"1. Este foi o primeiro recorde dos 100 metros nado livre. Posteriormente, isto é, em 3 de março de 1930, Murilo Lopes, na piscina do Fluminense conseguiu baixar para 1'09"2. Mais tarde Ellie Bassoul, em 1932, determinava nova baixa no recorde de Murilo Lopes, marcando 1'07"1.

Assim sendo, com a homologação dos recordes em sequência, tentativas após tentativas foram-se realizando, e as marcas foram baixando, até que Aloysio Lage por quatro vezes conseguiu baixar os próprios recordes. Novas tentativas se realizaram e os recordes foram baixando sucessivamente.

Coube a Sergio Rodrigues descer para menos de um minuto o recorde carioca. E, assim, em 19 de julho de 1946 o nadador tricolor, em excepcional forma, marcava o tempo de 59"9, e era considerado o "fita azul" da aquática nacional. O mesmo Sergio Rodrigues, em 1947, melhorou para 59"5 até que em dezembro deste mesmo ano o extraordinário Aram Boghossiam conseguia o ótimo tempo de 58"8, tornando-se o novo "fita azul" brasileiro. Pouco tempo depois o "ás" tijucano melhorava a sua própria marca para 58"4, constituindo este tempo, além de recorde carioca, o brasileiro e o sul-americano. Este tempo foi homologado em 15 de maio de 1948 e até a presente data ainda não foi melhorado, estando portanto em poder de Aram Boghossiam a melhor marca sul-americana dos 100 metros homens nado livre.

#### 200 METROS NADO LIVRE

**C**OMO todos os outros, também só começou a ser homologado em 1929. O primeiro recordista, porém, só surgiu em 1931 e foi o nadador Ary Azevedo quem na piscina do Fluminense conseguiu o tempo de 2'51"0 para os 200 metros nado livre. Após este nadador vieram muitos outros que, gradativamente, foram conseguindo melhores tempos. Em julho de 46, Eduardo Alijó conseguia o tempo de 2'15"2. Em setembro deste mesmo ano o próprio Alijó baixava a sua marca para 2'15" cravados.



# A LUTA CONTRA

Sergio Rodrigues e Aram Boghossiam, o "Fita Azul" da natação carioca.

Dois anos depois o extraordinário Aram Boghossiam, mostrando suas ótimas qualidades de nadador, marcava o tempo de 2'13" cravados e que até hoje permanece inalterado.

#### 300 METROS NADO LIVRE

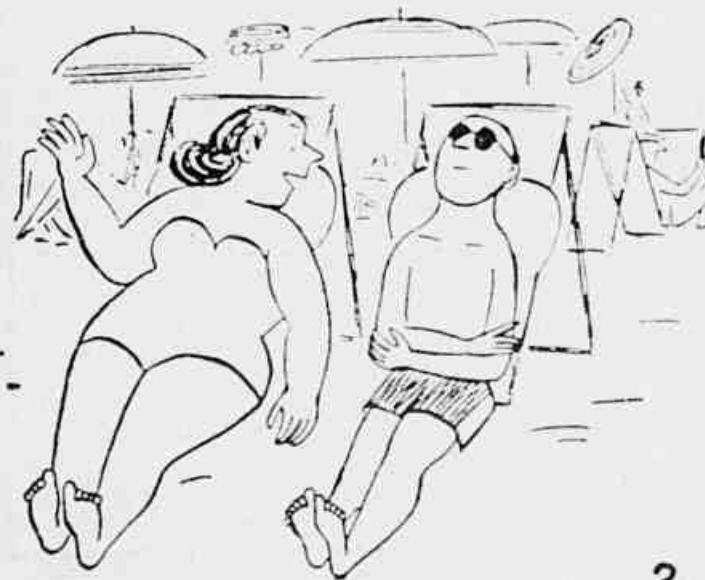
**J**EAN Havelange, que em janeiro de 1934 batia o seu segundo recorde carioca, na distância de 200 metros, conseguia em março de 36 bater o recorde carioca dos 300 metros nado livre, que foi o primeiro a ser homologado nesta distância pela Federação Metropolitana de Natação, tendo assinalado a marca de 3'52"6.

Mais uma vez Eduardo Alijó conseguia, com o tempo de 3'40"8, um recorde carioca, desta feita nos 300 metros, isto em 46. Posteriormente a Alijó, surge novamente o jovem e veloz "ás" tijucano para bater a marca do nadador tricolor (Alijó), conseguindo melhorar para 3'40" cravados. Em novembro deste mesmo ano o "ás" tijucano quebrou novamente o próprio recorde por 4 décimos de segundo, isto é, 3'39"6.

Continuou treinando o nadador "cajuti" e os resultados não se fizeram esperar, pois em fins de fevereiro de 48 Aram melhorou por mais de seis segundos a marca carioca dos 300 metros, conse-



## História sem legenda

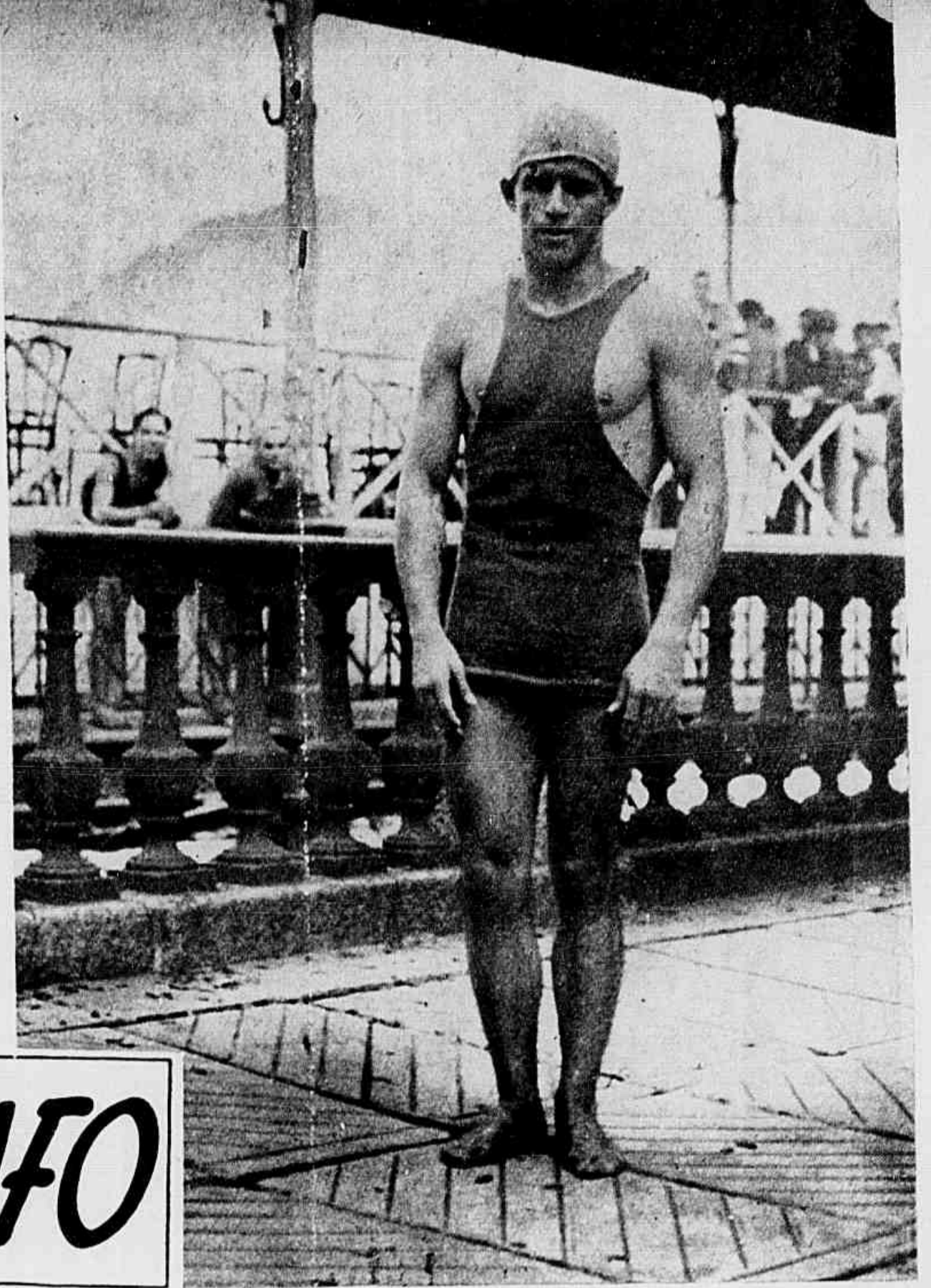
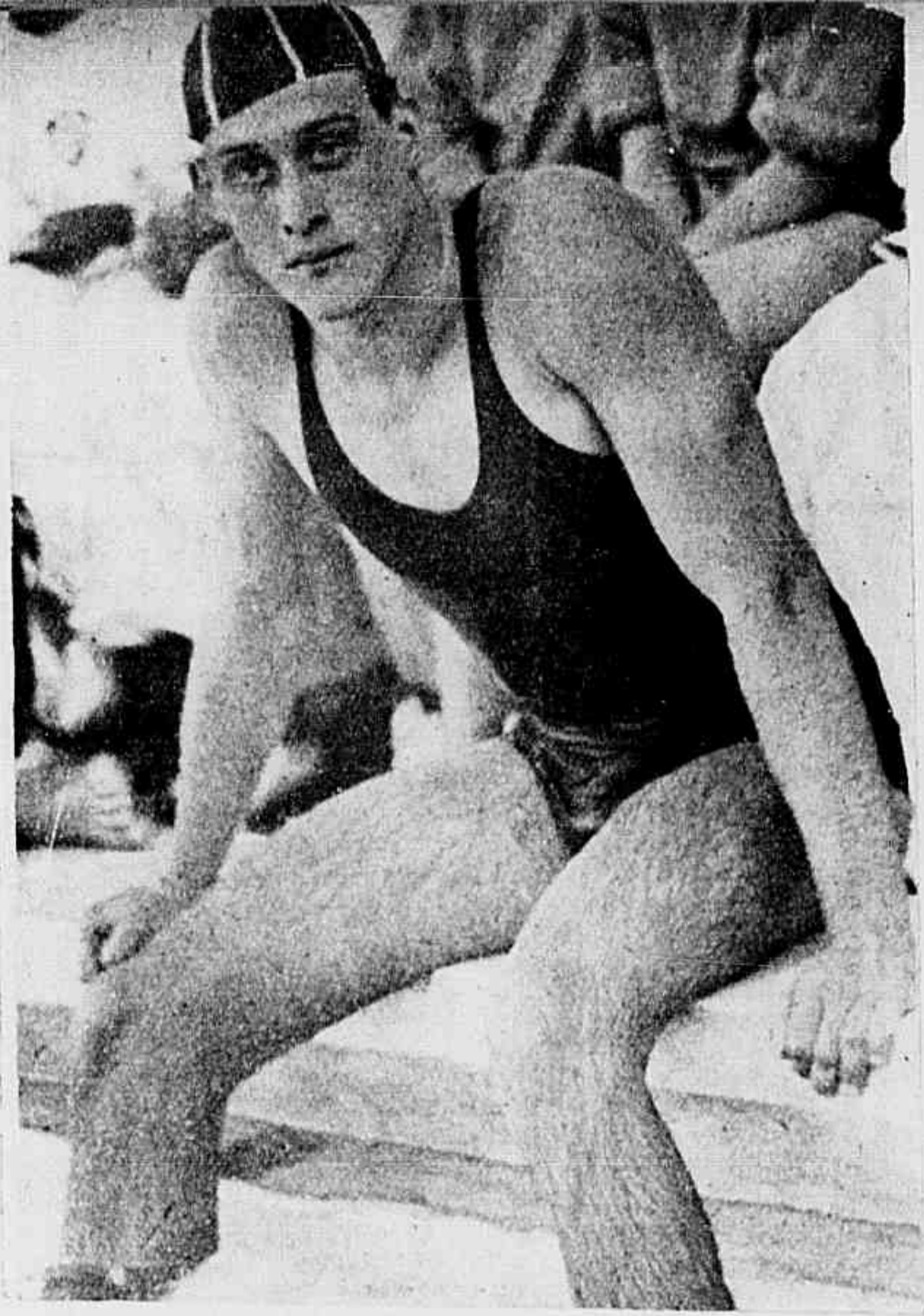


1

2

3

4



# O CRONÓGRAFO

Jean Havelange, recordista dos trezentos metros em 1934.

Em 1932 Murilo Lopes (na gravura) era o recordista dos cem metros.

quindo assinalar o excepcional tempo de 3'32"2, que até o dia de hoje permanece de pé, sem que ninguém tenha conseguido melhorá-lo.

## 400 METROS NADO LIVRE

**F**OI homologado em 1929, após uma tentativa de Gastão Sampaio, na piscina do Fluminense, o qual logrou pleno sucesso na tentativa, conseguindo marcar o tempo de 6'10" cravados. Foi o tempo passando e sucessivamente foram caindo recordes após recordes, até que em janeiro do corrente ano, novamente o extraordinário Aram consegue melhorar para 4'50"3, significando uma baixa de mais de dois minutos no primeiro recorde homologado.

## 500 METROS NADO LIVRE

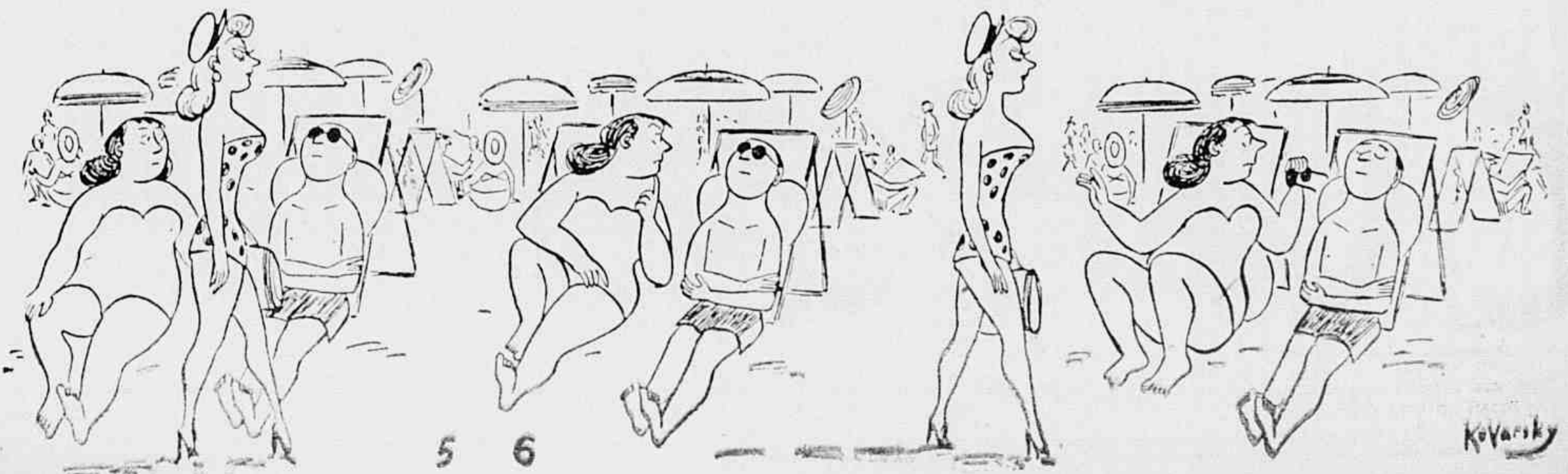
**C**HEGAMOS finalmente ao último dos recordes cariocas para homens, nado livre. O nadador Jean Havelange conseguiu ser o primeiro a marcar o recorde carioca dos 500 metros, cujo tempo foi de 6'54"6. É bem interessante notar pelo retrospecto que,

dois dias depois de homologar este recorde o mesmo nadador assinalava o recorde carioca dos 300 metros nado livre, como já mencionamos anteriormente.

Seis dias antes de bater o recorde carioca dos 300 metros, isto é, em 1 de fevereiro de 1947, Aram, na piscina do Tijuca T. Clube, marcava o recorde carioca dos 500 metros com o excepcional tempo de 6'16"9.

## O "FITA AZUL"

**C**OMO se pode observar pelo retrospecto que apresentamos, o veloz nadador "cajuti" é o recordista carioca dos 100, 200, 300, 400 e 500 metros homens nado livre, e detentor do título "fita azul", o que significa ser o mesmo nadador o mais veloz da aquática nacional. Suas qualidades são notáveis como nadador e Aram é um atleta que bem merece os títulos que levantou, pela sua dedicação e senso desportivo. Ostentando ótima forma física e técnica, podemos assegurar que Aram Boghossian é um dos melhores "astros" da aquática nacional e mesmo continental.



O êxodo dos craques de São Paulo, Rio e Minas para o estrangeiro - Custou-nos muito caro a exportação...

CLIMP CUS

**F**OI há 20 anos, 1931. O profissionalismo já se tornava vitorioso no Prata. O Brasil começara a resistência contra a inovação. Eis que chegou a devastadora colheita dos clubes europeus em nossos clubes. Sabedores de que seria fácil seduzir, com bons contratos, os nossos cracks, não tiveram dúvida alguma os aliciadores em se lançar na aventura dourada... Os jogadores brasileiros, por sua vez, vendo tanto dinheiro diante dos seus olhos (uma lira valia, então, mil réis), procuraram pôr de lado o sentimentalismo e os escrúpulos, e, um por um, uma alta série, foram para a Europa, e, depois, para o Prata. Foi um



Domingos jogou ao lado de Patesko no Boca Juniors. Na foto, o "mestre" festeja uma vitória em Buenos Aires cantando sambas para amigos argentinos

No futebol brasileiro:

# PRELÚDIO DO

desfalque acentuado. A cada fuga rebentava um novo escândalo, mas as pombas voavam cada vez mais... A seleção paulista de 1930 e 1931 transferiu-se, quase toda, para a Itália. O Corinthians foi o clube que mais sofreu, pois o seu esquadra tri-campeão foi em grande parte desmontado... Os primeiros jogadores brasileiros a viajar atraídos pelo profissionalismo europeu foram os Fantoni, do Palestra de Belo Horizonte. Ambos — Ninão e Nininho — foram para o Lazio de Roma, e eles abriram caminho para os demais... Vieram os emissários e escolheram os melhores... Também a ida do Vasco à Europa, em pleno 1931, custou-lhe a perda de Fausto e Jaguaré. O vazio deixado por Fausto foi grande. Também foram do Rio, Fernando Giudicelli e Demóstenes, ambos do Fluminense. Os dois atuaram no Torino, onde mais tarde foram ter também Canali, do Botafogo, e Benedito, também do Botafogo. Os que não possuíam nomes paternos italianos buscavam um nome de seus parentes, embora longínquos... Como seja: Bertini, Zaccone, etc. Em São Paulo, além de Amílcar, que foi como técnico, o Lazio atraiu, de 1931 a 1933, Pepe e Serafim, do Palestra; Rato, Filó, De Maria, Del Debbio, do Corinthians; Tedesco, do Atlético Santista e, a seguir, Niginho, do Palestra Mineiro, Duílio, da Portuguesa; Gogliardo, Barrilotti, Caetano e Juvenal foram levados por Chiavone para o Napoli: Ministrinho foi para o Juventus. Enfim, os desfalques até 1934 não mais pararam. Na verdade, com exceção de Filó e Ministrinho na Itália, Fausto, na Espanha e Suíça, e Jaguaré, na França, os nossos cracks não foram lá os famosos valores que eram aqui. Muita coisa contribuiu para que não se adaptassem bem. O característico do futebol italiano, extremamente impetuoso, contribuiu enormemente para a atuação apagada da maioria dos brasileiros. É tal a verdade dessa afirmativa, que Del Debbio foi considerado na Itália um jogador delicado, incapaz de molestar o adversário, como seria de se esperar.

Não bastasse esse exemplo e poderíamos apontar o relativo sucesso de Serafim, Pepe e Ninão, em relação aos demais italo-brasileiros, devido unicamente ao físico reforçado que



Fausto foi à Europa com o Vasco, em 1931, e lá ficou.

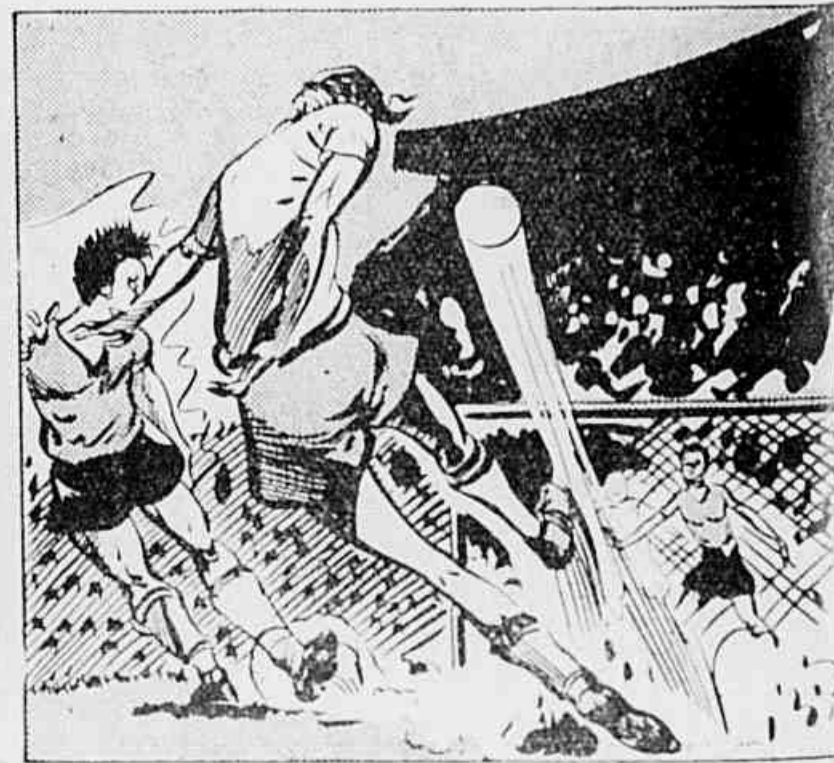
## A MAIOR JOGADA DE DANILO...



A maior jogada que Danilo praticou foi no apogeu de sua carreira, jogador de seleção, representando o Brasil no Uruguai, em disputa da Copa Rio Branco de 47. Esse lance verificou-se justamente quando o Brasil estava em inferioridade no marcador.

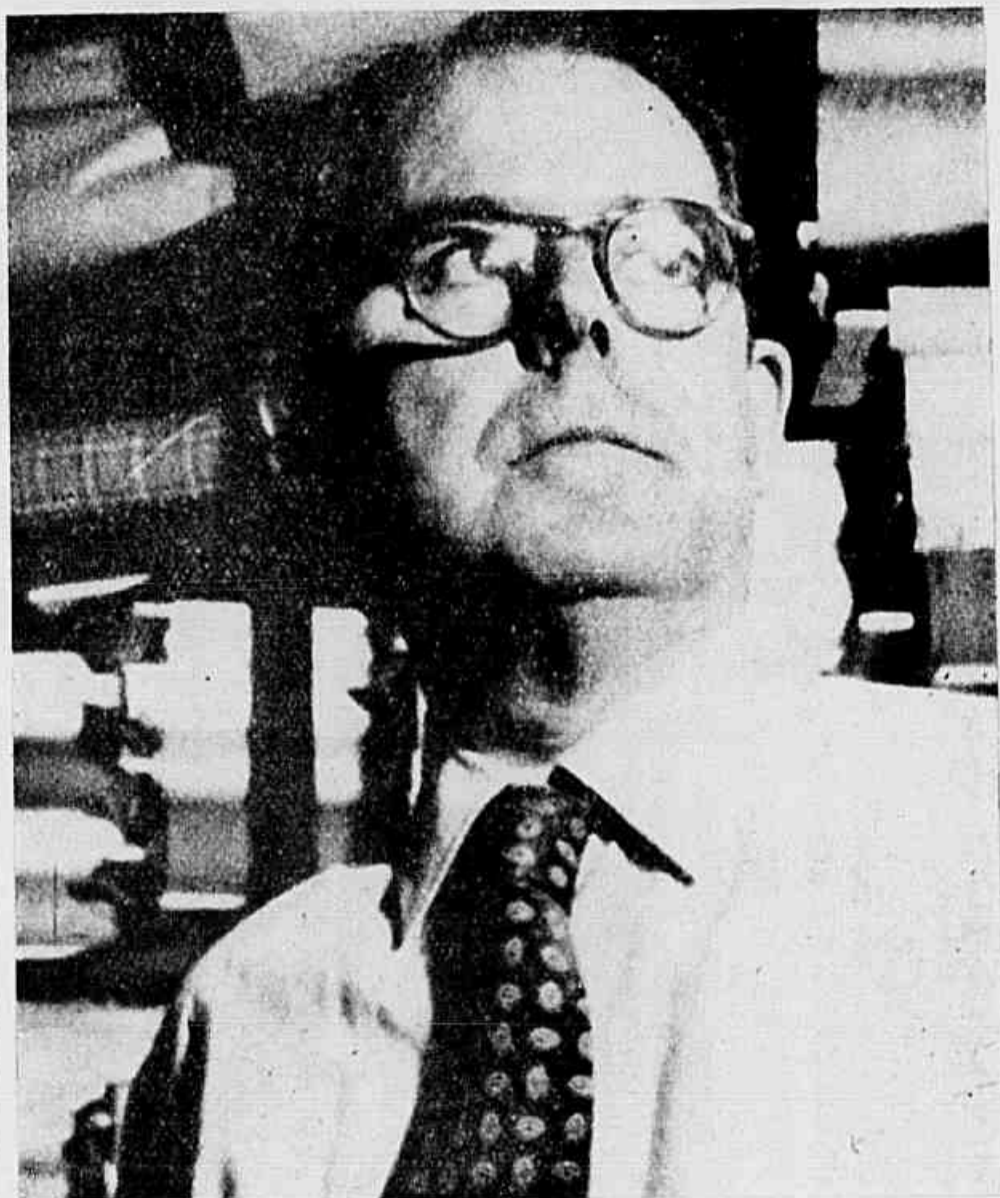


Os uruguayos haviam marcado um tento e o quadro brasileiro encontrava dificuldade para chegar à área de Maspoli. Foi quando Danilo realizou a sua maior jogada. Embora craque de defesa, a intervenção do centro-médio se fez sentir na ofensiva, e de seu pé saiu o tento do empate.



Danilo havia apanhado a bola no meio do campo, partindo com vigor para apolar o ataque. Já na altura da linha-média adversária deu a Canhotinho, continuando na jogada, até que recebeu a bola de volta e resolveu chutar em gol. Salu um tiro fulminante, que só foi parar no fundo das rédes.

**A introdução desse jogo no América, Internacional de Regatas, Colégio Silvio Leite, Ginástico Português e Corpo de Marinheiros — Grandes "cestinhas" da época: Narciso Araujo, Rizzo Batista, Williams Koury, Alfredo Koehler e Heitor Novais**



Salvador Calvente



Heitor Novais

**NAO PASSOU DE ESPANTALHO**

**Q**UANDO foi conhecida a equipe do Internacional de Regatas para o certame de 1915, constituída por bons jogadores da própria A. C. M., não faltou quem profetizasse grande êxito para ela. Mas, com o transcorrer do campeonato, foi sendo verificado que o quadro não passava de espantinho... para assustar pansarinhos... Rizzo, Calvente, Saintive, Moutinho, Paturo, Fonseca e Mario, eis os heróis da jornada. A representação do Inter-

nacional atuou com incrível falta de chance, sofrendo reveses inesperados, mas, ainda assim, alcançou a quarta colocação, com 5 vitórias e 5 derrotas. A baixa performance do Internacional causou verdadeira surpresa, pois, nas suas hostes, estavam um dos maiores "cestinhas" da metropole, que era Rizzo Batista, já falecido, e um dos mais seguros "guardas", que era Salvador Calvente, agora negociante, socio da Casa Virgilio.

Ouçamos a palavra de Salvador Calvente:

— Ingressando no Internacional e participando do campeonato de 1915, não tive outro objetivo senão o de trabalhar pela divulgação do basquetebol. Lançamos a preciosa semente e agora estamos colhendo os frutos: Pan-Americano de 1922, Sul-Americano de 1939 e 1945, e 3.º lugar nas Olimpíadas de Londres. Esses feitos constituem justos prêmios para os pioneiros do esporte da cesta.

**UM IANQUE NO SILVIO LEITE**

**T**ENDO sua sede próximo ao estádio do América e com seus alunos recebendo as influências dessa vizinhança, o Colégio Silvio Leite, a esse tempo instalado à rua Mariz e Barros esquina de Ibituruna, também se entusiasmou pelo basquetebol, logo nos seus primeiros passos. E quando surgiu o campeonato de 1915 tratou de inscrever sua representação, que alcançou o quinto lugar.

Do seu quadro faziam parte Williams, Otacilio, Oliveira, Renato, Saião e Guedes. Desses elementos o mais destacado era Williams, que chegou a ser convocado para integrar a seleção que, após o campeonato, enfrentou a turma campeã da A. C. M. Bom "centro" e ótimo encestador. Examinando as súmulas vamos encontrar esse jogador marcando o total de 99 pontos.

A propósito dessa jornada, o velho educador Silvio Leite, agora afastado das lides escolares, esclarece:

— Por volta de 1915 apareceu pelo colégio o norte-americano Williams Koury, de descendência siria, com trinta anos, mais ou menos, solicitando trabalho. Aceitei-o como professor de inglês e coube-lhe ali introduzir o basquetebol. O colégio sempre deu especial atenção aos esportes e assim se explica a resolução de ter colaborado na difusão do basquetebol.

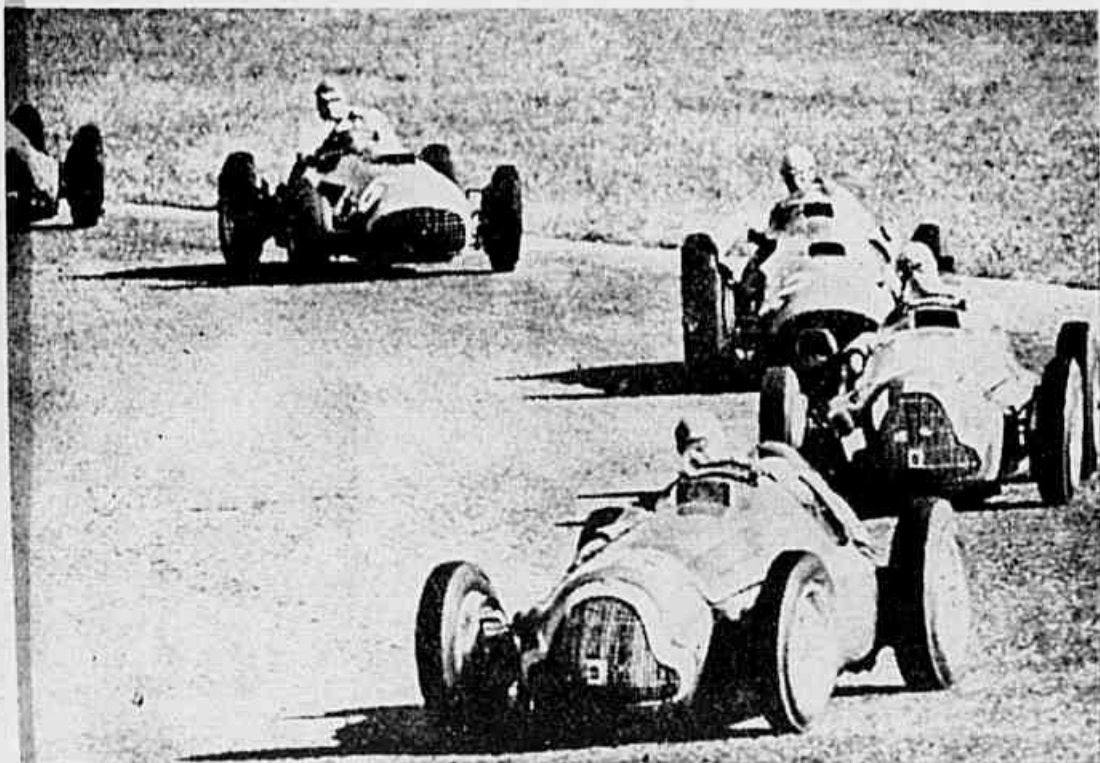
**"MENS SANA IN CORPORE SANO"**

**C**OUBE ao professor de educação física Augusto Campos, português, que havia visitado os Estados Unidos, introduzir o basquetebol no Clube Ginástico Português, que assim atendeu ao velho lema: "Mens sana in corpore sano". Surgiram logo os primeiros praticantes e dentre os mais entusiasmados estavam Heitor Novais, sócio da Farmacia Teixeira Novais, e Carlos de La Roque, viajante de conceituada organização comercial. Também havia outros "crentes", como Brandão, A. Pinto Pereira, Tubalcain Carvalhosa, Dauthel, Agular, Souza Dias, Abreu e Arlindo Couto. Como se vê, vários jogadores, mas quase todos de reduzidas possibilidades técnicas. Qual o resultado? O Ginástico, entrando no campeonato apenas com o elevado propósito de divulgar o esporte da cesta, não logrou uma só vitória. Participou de dez jogos e perdeu todos, sempre com serenidade, numa admirável demonstração de desportividade.

Heitor Novais, já "amadurecido", com uma filha e uma neta, desfila suas impressões.

— Não estávamos aparelhados para brilhar, mas, como o nosso desejo era o de competir, recebíamos os reveses como receberíamos as vitórias. E tanto foi útil a nossa cooperação que o nome do Clube Ginástico Português ficou gravado na lista das entidades que introduziram o basquetebol no Brasil.

**BILISMO**



Flagrante da passagem dos corredores numa curva, na 3.ª volta. A "barata" número 2 (em terceiro lugar) é a de Ascari. (Fotos Keystone, especial para O GLOBO SPORTIVO)



# MALCHER



Texto de JORGE LEAL

Ai estão dois sugestivos flagrantes de Alberto Monard da Gama Malcher, antes de mais nada uma vítima do destino. No primeiro ele aparece tal como como o encontramos no Hospital Central dos Acidentados, logo após a covarde agressão da qual foi vítima em Teixeira de Castro. No outro, tempos depois, ao ser submetido a exame médico.

O que têm sido os incidentes e acidentes pontilhando de irregularidades e desagradáveis surpresas a carreira do árbitro paraense — O ineditismo da aventura vivida na cidade de Concepcion — Já foi "Côrvo" e também Vasco da Gama Malcher... Um pouco da vida desse moço fino, descendente de uma das mais ilustres famílias do Norte

**A**LBERTO Monard da Gama Malcher, parodiando conhecida composição nacional, também parece ter o seu destino mal traçado... E, acima de tudo, uma vítima do seu próprio destino! Todos o conhecem bastante, pela força da popularidade que desfrutam esses nomes sempre em evidência no futebol brasileiro. Mas talvez muitos não tenham ciência ou já não recordem mais fatos e ocorrências, bem como ainda os incidentes e acidentes verificados frequentemente, pontilhando de irregularidades e desagradáveis surpresas a vida do moço simples e fino que é o apitador paraense. Pelo sim, pelo não, nesta reportagem nos propomos a fazer um resumo da complicada história de Malcher.

#### COMEÇOU NOS TREINOS DO BOTAFOGO E FLAMENGO

**E**LE nasceu em Belém do Pará, a 13 de março de 1920, mas aos quatro anos de idade deixou a capital paraense, para somente retornar depois de homem feito. Passou cinco longos anos no Recife, vindo depois para o Rio, onde jogou no amador do Botafogo e depois do Flamengo. E aconteceu aí que, algumas vezes, apitou treinos em General Severiano e na Gávea. Foi o princípio, embora naqueles dias tranquilos e felizes de rapaz quase homem jamais lhe ocorresse a idéia de vir a se tornar árbitro profissional, consagrado internacionalmente algum tempo mais tarde. Descendente de uma das famílias mais ilustres do Pará, a dos Gama Malcher, ele tem uma irmã casada e um irmão que é químico industrial.

#### UMA CONVOCAÇÃO QUE PARECE HAVER SIDO DUPLA

**A**S coisas parecem ser feitas de acôrdo. O destino traçado para cada um é implacável. Tudo vem a tempo e em tempo. Esse também foi o caso de Gama Malcher. Na época da guerra ele fora convocado a prestar serviço militar e lá seguiu para o Pará. Chegando a Belém, começou imediatamente a apitar jogos de futebol. Seu clube de origem sempre foi o Clube do Remo, quando mais não fosse, por força da tradição de uma família remista... Alberto da Gama Malcher — o Monard — ele pouco usa — teve ensêjo de melhorar, assim, de dia para dia, as suas condições técnicas e aumentar a experiência em torno do complexo e insolúvel problema das arbitragens. A convocação para o Exército, favoreceu-o. O juiz dispunha, nestas condições, de bastante tempo para apitar jogos de futebol.

#### EM BELÉM AS PRIMEIRAS GRAVES CONTRARIEDADES

**F**OI em Belém mesmo, na própria capital paraense, que Malcher teve as suas primeiras decepções. Naquela época o Palazzanu tinha uma equipe nitidamente superior à do Clube do Remo, e, dirigentes e torcedores deste, todos

adeptos exultados e consequentemente cegos pelas paixões ciuistas, acusavam sempre as falhas das arbitragens como causa de resultados negativos... Tivemos inclusive, oportunidade de assistir, naquele tempo, a verdadeiros "meetings" contra Malcher. Sendo altamente estimado no seio da família azulina (do Clube do Remo) Malcher tinha e ainda deve ter até hoje, seu retrato num quadro, em uma das paredes da sede velha da avenida Nazareth. E houve, várias vezes, quem desejasse quebrá-lo, porque o "sócio" deixava de ser "sócio" na hora em que por direito lhe competia ser apenas "juiz"...

#### CARLITO ROCHA ENTRA NA VIDA DO POPULAR ARBITRO

**I**SSO ocorreu em 1947. O Sr. Carlos Martins da Rocha, hoje presidente do Botafogo, era então diretor do Departamento de Arbitros da F. M. F. e estava empenhado, de corpo e alma, na solução do eterno problema das arbitragens. O quadro estava reduzido ao não menos eterno Mario Viana, uma vez que Tijolo havia sido afastado anteriormente. E dentro da improvisação bem nossa — propriedade exclusiva do brasileiro — resolveu "arrecadar" juizes dos Estados, para proceder posteriormente a um selecionamento rigoroso. Alberto da Gama Malcher já dirigira, ainda em Belém, as exhibições do Fluminense, América, Santos e Madureira, na capital paraense. E a impressão deixada, fora a melhor possível. Portanto, era só providenciar a sua transferência do Banco de Crédito da Borracha (hoje Banco da Amazonia), para a agência desta capital. Dito e feito. Em pouco, Carlito Rocha lograra o seu intento.

#### PRIMEIRA ARBITRAGEM, PRIMEIRO INCIDENTE NO RIO

**A**ESTRÉIA teve lugar no estádio da Gávea, por ocasião de um jogo Vasco x Fluminense, realizado em fevereiro daquele ano, isto é, de 1947. Nesse prelo o grêmio da Cruz de Malta sagrou-se campeão do Torneio Municipal, vencendo o Fluminense, por 3x2. Antes que o match tivesse um final comum, sem anormalidades, o famoso pontelrodireito Pedro Amorim, scratchman nacional, resolveu usar palavras de baixo calão, para insultar o "novato" juiz. Resultado: foi incontinentemente expulso de campo.

#### A COVARDE AGRESSÃO VERIFICADA EM TEIXEIRA DE CASTRO

**O**FATO é que Malcher firmava-se dia a dia e de jogo para jogo aumentando as suas credenciais e o seu prestígio lograva bases mais sólidas. Chegava a ser apontado, em pouco tempo, como um dos melhores apitadores nacionais. Até que outra vez o destino resolveu intervir. E aconte-



Danilo Malcher considerava-o como grande amigo. Foi ofendido, expulsou-o de campo e perdeu mais essa amizade. Sua expulsão foi o "estopim" para a grande explosão do Vasco.





# ER, vítima do destino

Esse é o "trio de ouro" de árbitros nacionais. O veterano Carlos de Oliveira Monteiro (o popular Tijolo) e o eterno Mário Viana ladeando o "bróto" Alberto Malcher. O primeiro já uma vez foi excluído, ao segundo chegou a ser exigido exame de sanidade mental. Daí se conclui que está chegando a vez do terceiro...

ceu então aquela agressão covarde verificada em Teixeira de Castro. Um desordeiro qualquer, insatisfeito com a sua atuação dirigindo o jogo Bonsucesso x Fluminense, vencido pelo tricolor, aproveitou a saída do juiz de campo para, traçoeira e criminosamente, atingir-lhe o rosto e a cabeça, vibrando-lhe uma barra de ferro. Malcher, quase desfalecido, dada a gravidade da contusão sofrida, foi transportado de ambulância para o Hospital Central dos Acidentados, ficando aos cuidados do Dr. Mário Jorge e tendo a carinhosa e ininterrupta assistência do Sr. Carlos Martins da Rocha. Chegou a pensar em abandonar, definitivamente, a arbitragem, não fazendo mais carreira. Mas ficou só no pensamento, porque o desportista tinha saudade das canchas e resolveu "atender" aos inúmeros apêlos que lhe foram feitos...

## DUAS DIFICEIS AVENTURAS VIVIDAS NO CHILE

EM pouco Malcher conseguiu também larga projeção internacional. O Vasco foi a Santiago disputar o Torneio dos Campeões Sul-Americanos e resolveu levá-lo, como juiz, distinguindo-o, sobre-maneira, com esse honroso convite. Isso em fevereiro de 1943, quando o árbitro nacional dirigiu na capital chilena dois encontros sem maior importância desse certame e saiu-se muito bem. A chefia da embaixada cruzmaltina — visando evitar maiores aborrecimentos — resolveu impedir que ele atuasse o grande jogo entre o Nacional, de Montevideu, e o River Plate, de Buenos Aires. Mas Gama Malcher acabou cotado para outra peléja de fundamental importância: Colo Colo (a seleção chilena com a camisa do tradicional clube) x Nacional, da capital uruguaia. A permissão foi dada, afinal, e lá vieram grandes comflicções e aborrecimentos. Vencia o Nacional por 2 x 1, quando a torcida local, incentivada pelo célebre don Robson Marin — organizador do certame e que acabou dando um bom prejuízo ao Colo Colo — começou a exigir que Malcher desse um penalty a favor dos chilenos. E exigiu a todo custo, mas a tal penalidade máxima não veio. Houve paralisação do jogo e a chefia da delegação e os jogadores brasileiros tiveram que intervir, amparando o árbitro nacional. Felizmente, reiniciada a contenda, houve realmente um foul-penalty e Malcher não vacilou. E ao apagar das luzes do jogo, um atacante andino chutou de longa distância, batendo inapelavelmente o arqueiro Paz. Resultado final Colo Colo 3 x Nacional 2. Ai, Alberto Monard da Gama Malcher recebeu uma medalha de ouro, "de honor"...

## ELE, O ATLETICO JOGADOR DO NACIONAL

UM pouco antes, a despeito dos perigos enfrentados, o juiz havia vivido outra aventura sendo mais uma vez vítima do seu próprio destino. Aconteceu na cidade chilena de Concepcion, onde o Nacional foi enfrentar a seleção local e o levou como árbitro. Os uruguaios triunfaram por 2 x 1 e o público cercou o vestiário de Malcher, para o "massacre". O apitador paraense teve de sair uniformizado de jogador uruguaio, como se fosse o mais atlético dos jogadores do Nacional... Os irmãos Pini, Tejera e Gambetta, todos do campeão de Montevideu, foram os que formaram a guarda pessoal de Gama Malcher e diziam para os torcedores exaltados que o juiz estava esperando os jogadores saírem, para também deixar o vestiário. Isso com a maior calma deste mundo, enquanto o árbitro caminhava entre eles, "fantasiado" igualmente de jogador do Nacional...

## A BRIGA COM FLÁVIO COSTA

ELE dirigiu depois jogos da Copa Rio Branco (1948), em Montevideu, e da Copa do Mundo de 1950 (Espanha x Chile). No intervalo, quando do Campeonato Sul-Americano de Futebol (abril de 1949), arranhou também uma confusão. Atuava no encontro Brasil x Uruguaia, vencido pela seleção patricia por 5 x 1. Simon Garcia saiu chutando vários jogadores brasileiros mas, quando chegou em Zizinho, houve revide. E o meia-direita nacional foi expulso de campo, embora somente nos minutos finais os irmãos Garcia também o fossem. O selecionador Flávio Costa criticou a arbitragem de Malcher no vestiário, no final, e chegou a chamá-lo de "Palhaço"!

— Palhaço é você seu...  
E quando o técnico e o juiz avançavam para se encontrar, o Cel. Orsine Coriolano surgiu providencialmente no vestiário, para salvar a situação, evitando as graves consequências de uma cepa de pugilato.

(Conclui na pág. 23)



Ademir

# O FLAMENGO

Um crack renega o jogador de ataque, rendo atrás

## 43!

Este pé, depois de muitas voltas, acertou com o caminho do Vasco, e lá vai fazendo gols que ajudarão na luta pela conquista do tricampeonato. Um detalhe especial é um pé que exige chuteiras sob medida, pois seu número é 43!

Texto de GERALDO ROMUALDO DA SILVA  
Fotos de INDAIUSSU LEITE

**A**DEMIR já era assim grande, grande tal como ainda é, verdadeira "máquina de fazer gols", e "senhor" do Vasco, e havendo sido, inclusive, o "dono" do Fluminense inteiro, quando o menino Edmur começou a tomar gosto pelo futebol, a acreditar até naquilo que os outros lhe diziam, que não tivesse dúvida, que tivesse fé, que ficasse sossegado, que chegaria a vez, também, de ver seu nome no jornal.

Nessa época, é bom avisar, Edmur matava o tempo nas "peladas" de Saquarema, fazendo justamente o que Admir fazia nos jogos de categoria: correr furiosamente para dentro da área e marcar tentos: tentos que só ele e mais ninguém sabia marcar. Mas, era menino, e os outros eram iguais a ele — quem é que iria jurar, pois, que depois de crescido, depois de homem feito, Edmur conseguiria repetir as suas façanhas do "miúdo"?

### ADEMIR DE SAQUAREMA...

**E**NFIM. Saquarema não mudou muito. Edmur, sim, mudou inteiramente, ganhando corpo, esticando as pernas, alargando o torax, só não conseguindo corrigir aquele defeito dos dentes, esse defeito que



conserva, e que às vezes (não muito) o atrapalha nas conquistas... De dentro do campo, porém, era uma "fera", a mesma "fera", dando botinadas, aparecendo em todos os lances que poderiam redundar em gol.

A gurizada, contra e a favor, vibrava com seus "rushs", com a precisão de seu chute, orgulhosa de "seu" Ademir, chamando-o Ademir, por carinho; ele, sem saber, desejando que o apelido pegasse.

— E hoje? E agora?

Edmur responde sem pestanejar:

— Hoje, agora, sinto-me orgulhoso do que sou, de quem sou — insignificante, modesto profissional do Vasco — mas eu mesmo, sem apelido, sem nome emprestado, sem outra "fachada" que não a minha própria...

### TRES IRMAOS

**T**EM dois irmãos. Com ele, três. Conta e esclarece:

— O do "meio" já anda tentando a sorte no Fonseca, querendo ser meia-direita, achando que pode ser "artilheiro", etcetera e tal...

— E você — você acha que pode ser?

— Depende. Depende, sobretudo, de seu esforço e um pouco da "chance" que tiver...

— Que foi que mais ajudou você a subir; a sorte ou a vontade?

— Tive sorte, mas se não tivesse vontade, se não persistisse, como persisti, estaria a estas horas no "montão"...

— E que foi que o futebol rendeu a você, até hoje?

— Nada. Ou melhor: está rendendo o ordenado que o Vasco me paga. Quem, realmente, lucrava comigo, foi o Canto do Rio. O Canto do Rio, bem, fez negócio às minhas custas. Um ótimo negócio, um negócio — ou será que não fez?

— Depende...

— Ora, depende de que, se não custei nada ao Canto do Rio?!

### PEREGRINAÇÃO

**C**ONTA, Edmur, pedaços de sua peregrinação pelos campos "mirins" e pelos campos crescidos da cidade e circunvizinhanças:

— Comecei em Saquarema. Depois (juvenil) passei às fileiras do Mauá (de S. Gonçalo). Mas não durei muito tempo no Mauá. Minha terceira aventura foi o Tamoio (S. Gonçalo), e a quarta, o Flamengo.

Faz uma pausa e acrescentou:



Houve algo que não agradou a Maneca, e Edmur escuta o desabafo.

## Ondino e o tempo de Tim e Romeu...

No ano de quarenta, Ondino Viera, o atual técnico do Bangu, vinha de conquistar o campeonato da cidade, mas na temporada seguinte, o Fluminense, seu clube na época, começou mal o campeonato, perdendo o Fla-Flu e chegando até a uma derrota frente ao Madureira. Todavia, depois disso, Ondino não se mostrava preocupado com a situação do clube e respondia aos que o censuravam pelas constantes modificações no time com o seguinte: "Sou contra o conjunto permanente. Há elementos para este jogo e outros para um adversário seguinte. Subsiste sempre a estrutura do conjunto, os valores imprescindíveis, mas uma equipe deve ser maleável. Naturalmente, nunca foi minha intenção apresentar um quadro novo cada domingo, mas há que levar em conta os serviços do departamento médico, que já teve semanas de tratar dez elementos ao mesmo tempo." E naquela época, Ondino apontava os elementos que haviam sido submetidos a tratamentos: Batatais, Capuano, Maia, Norival, Machado, Moyses, Bioró, Mario Ramos, Spinelli, Malazzo, Adilson, Pedro Amorim, Romeu, Juan Carlos, Russo, Bongo, Tim e Carreiro. Grandes nomes, não há dúvida, quase dois times. E com esses jogadores Ondino podia realmente apresentar cada domingo uma escalação diferente...

de Saquarema...

# NAO ACREDITOU

# NELE

apelido de "Pelada" para ser o que é: modesto mas êle mesmo... Três irmãos: dois estão cor-da bola — Os dois anos de Flamengo

— Gostava do Flamengo, tinha uma grande esperança de acabar meus dias no Flamengo, desde garoto que "torcia" pelo Flamengo.

— E por que não resistiu, por que não permaneceu no Flamengo?

— Porque o Flamengo não quis saber de mim, despachando-me com armas e bagagens para o Canto do Rio.

## DOIS ANOS DE DESILUSAO

**D**URANTE dois anos Edmur esteve na Gávea. Um, na atividade, e outro, parado. — O ano que parei, parei por culpa do serviço que prestei ao Exército. Já não tinha tempo para treinar, e aí, o Flamengo não resistiu ao primeiro pedido do Canto do Rio. Sai, de lá, com lágrimas nos olhos. Esperava tudo, menos aquilo. O que me consolou, um pouco, foi a certeza que me deram de ser titular no Canto do Rio.

— E depois do estagio no Canto do Rio?

— O Canto do Rio pretendeu devolver-me ao Flamengo, mas, não digo o nome, um diretor do Flamengo respondeu que o Flamengo não precisava de mim, que ficassem comigo que o Flamengo se arranjará...

— Você ficou no Canto do Rio?

— Então, não sabe?

— Sei: acabou no Vasco...

— Não: acabarei no Vasco!



Uma pose clássica do "Ademar de Saquarema". O Flamengo não acreditou nele, e o Vasco não dormiu.



# BILHETES

## A coisa "está preta"



Zé Barbado estremeceu  
Ao voltar-se para traz:  
O pai da moça o fitava  
Com cara de ferrabraz!

Com Gillette escanhoado,  
Barba Feita, nesse dia,  
Ganha milhões e milhões  
Num prêmio da Loteria!

mas...

# TUDO AZUL!

para os que usam

# Gillette AZUL

IA-931



### RAILDO VIEIRA DO NASCIMENTO — Ilhéus — Bahia — 1)

— Lauro continua no São Paulo e agora até como titular, depois da encrenca que afastou Leonidas da direção do time. 2) — O endereço do São Paulo F. C. é rua Padre Vieira, 8. 3) — Nos jogos oficiais de campeonato, o Vasco tem 29 vitórias, o Flamengo 13 e registraram-se 9 empates. 4) — Milton, o arqueiro, não está mais no Olaria. 5) — O clube paulista que tem maior número de campeonatos é o Corinthians, com 11 títulos: 1914, 1922, 1923, 1924, 1928, 1929, 1930, 1937, 1938, 1939 e 1941.

### LUCIANO JOSÉ PEREIRA — Rio de Janeiro —

As fotos que saem nas nossas capas não têm preço, não custam nada aos clubes. Mas a publicação fica sempre a critério do secretário da revista. Mas é muito difícil, impossível mesmo, a publicação de um time avulso em capa ou contra-capas.

### JOSE G. RIBEIRO — S. Cristovão — Rio — 1)

O senhor pode escrever para a gerência desta revista solicitando os números atrasados pela própria ordem: 641 e 642 — não precisando falar em datas. O endereço da gerência é rua Itapiru, 1209. 2) — Os campeões cariocas de basquetebol desde o primeiro campeonato oficial são estes: 1919 — Flamengo; 1920 — 1921 — 1922 — 1923 — 1924 — 1925 — 1926 — 1927 — Fluminense; 1928 — S. C. Brasil; 1929 — S. Cristovão; 1931 — Fluminense; 1932 — 1933 — 1934 — 1935 — Flamengo; 1936 — Grajaú Tennis; 1937 — Riachuelo; 1938 — Olímpico; 1939 — Botafogo; 1940 — 1941 — Riachuelo; 1942 — 1943 — 1944 — 1945 — Botafogo; 1946 — Vasco; 1947



Heleno, num desenho de Clo-doaldo dos Santos, de São Paulo.

— Botafogo; 1948 — 1949 — Flamengo; 1950 — Atlético Grajaú; e 1951 — Flamengo. 3) — O Vasco da Gama foi penta-campeão de aspirantes nos anos de 1945 — 46 — 47 — 48 e 49.

### JOÃO RODRIGUES — Mogi das Cruzes — São Paulo — 1)

O quadro brasileiro que perdeu para os paraguaios por 2 a 1 no sul-americano de 1949 formou assim: Barbosa — Augusto e Wilson (depois Mauro) — Ely — Danilo e Bigode — Tesourinha — Zizinho — Otavio — Jair e Simão. O jogo foi aqui no Estádio de São Januario e não no Pacaembu, como o se-



Teixeirinha do S. Paulo F. C., visto pelo leitor Mauro Garcia, de Pouso Alegre, Minas Gerais.

# Grapette

Agora,  
este famoso refrigerante  
está sendo produzido  
com uvas especiais de  
Caxias do Sul,  
no Rio Grande.

Grapette... uma uva!

# DO LEITOR

De CARLOS ARÊAS

nhor citou em seu bilhete. 2) — O quadro paraguaio formou assim: Garcia — Gonzalito e Cespedes — Gavillan — Nardelli e Canteros — Fernandes — Lopez — Arce — Benitez e Avallos (depois Barrios). Gols de Tesourinha para o Brasil, no primeiro tempo, e Avallos e Benitez para o Paraguai, no segundo. 3) — Os demais elementos da seleção brasileira nesse mesmo campeonato de 49 foram: Oswaldo, keeper; Santos, Zagueiro; Bauer, Ruy e Noronha, médios; Claudio, Ademir, Nininho, Orlando e Canhotinho. 4) — Heleno tem 31 anos. 5) — Uma equipe de polo é formada por quatro jogadores apenas.



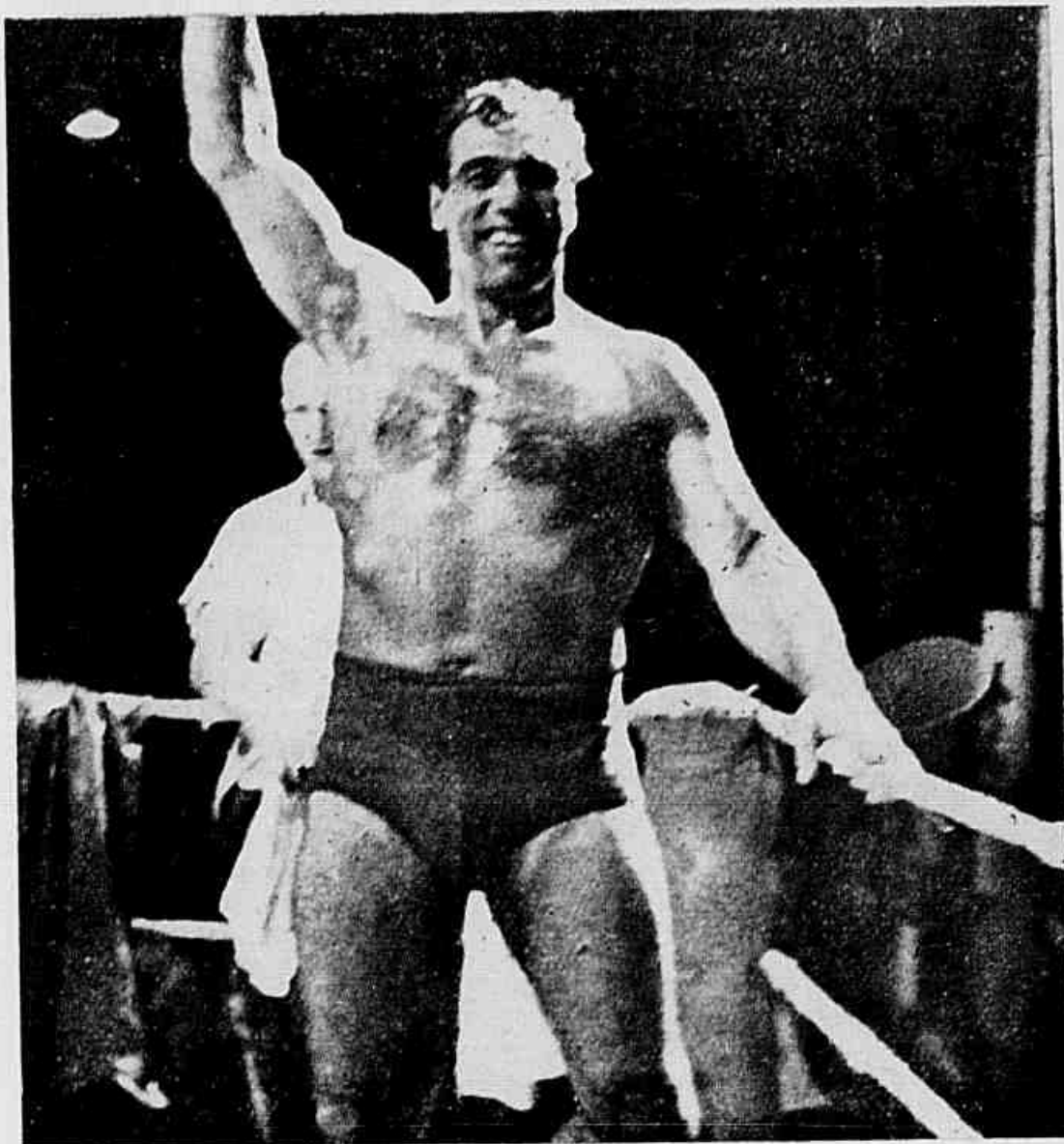
Barbosa, desenhado pelo leitor Paulo Sá, de Caçador, Santa Catarina.

ELIAS DA SILVA CAMPOS — Presidente Soares — Minas — 1) O primeiro número de O GLOBO SPORTIVO no seu novo formato foi o de n. 623. 2) — A questão agora não é apenas de zagueiro esquerdo. É preciso esclarecer se se trata de marcador de ponta ou central. Por exemplo, zagueiro esquerdo marcador de ponta, n. 1, disparado: Santos, do Botafogo; zagueiro esquerdo, central: Pinheiro, do Fluminense, pela regularidade de produção. 3) — O melhor centro médio, a nosso ver e respei-

tando, como boa, qualquer opinião em contrário, é Danilo, do Vasco.

AFONSO DE ALMEIDA — Rio de Janeiro — 1) — O América foi campeão da cidade nos anos de 1913, 1916, 1922, 1923, 1931 e 1935. Ao todo seis títulos. 2) — O quadro campeão de 1922, o famoso campeonato do centenário, formou assim: Ribas — Perez e Baraça — Miranda (depois Gonçalo) — Oswaldinho e Mattoso — Justo — Gilberto — Chiquinho — Gonçalo (depois Simas) e Brilhante

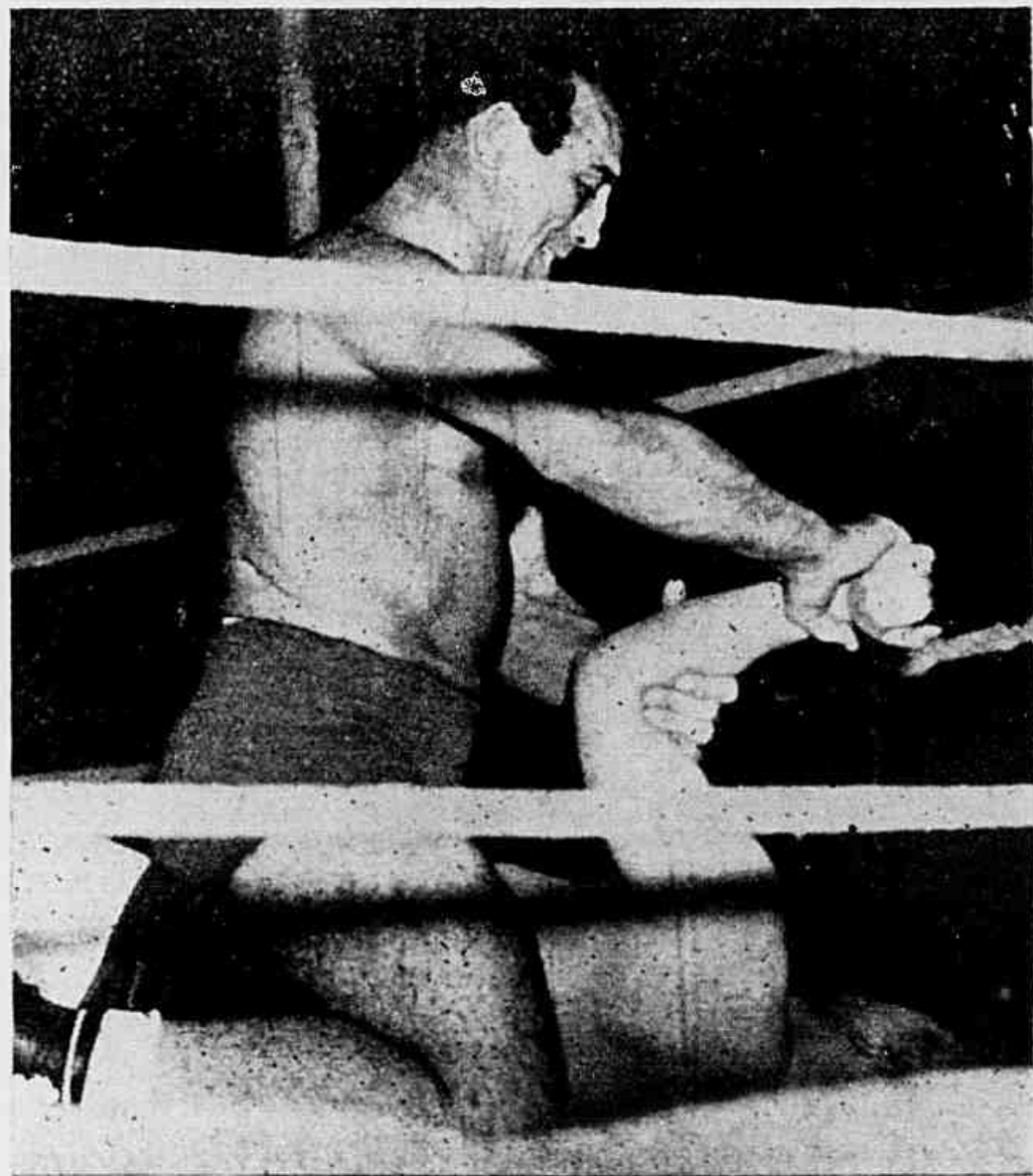
# AUMENTANDO A FORTUNA



Primo Carnera não há de ter boa lembrança da época em que ostentou o cobiçado e glorioso título de campeão mundial de todos os pesos. Nada lhe correu bem, tanto moralmente como monetariamente. O simpático italiano chegou a provar a miséria, mas logo acertou com o caminho da fortuna tornando-se lutador de catch.



É FILHO DE PEIXE, ou melhor, filho do Ray Robinson, o campeão dos médios. Já sabe fazer, diante do espelho, pose de boxeur, profissão que ele deseja ter em primeiro lugar "quando for grande". Em segundo: "Quero ser bateria de banda". (Foto Keystone, especial para O GLOBO SPORTIVO).



Atualmente, ele aumenta a sua já respeitável fortuna em propriedades e depósitos bancários nos Estados Unidos fazendo uma excursão pela Europa, de onde nos vêm estes dois flagrantes. No primeiro, Carnera agradece feliz os aplausos de vieneses, depois de vencer Adi Berber; no segundo, em Roma, administra uma "chave" em Pinetzky, alemão, golpe com que o venceu. (Fotos Keystone, especial para O GLOBO SPORTIVO).

**D**ESDE o berço, desde as circunstâncias que marcaram o seu aparecimento na história do futebol, o Fla-Flu trouxe a marca dos grandes sucessos, das grande atrações. Acreditamos que a maioria dos desportistas já conheça a história do nascimento do Fla-Flu, mas cabe ainda uma ligeira volta ao passado para o esclarecimento dos fãs mais novos do futebol, dessa camada que surgiu depois da "Copa do Mundo", depois da "Copa Rio". A história conta-se assim, em rápidas linhas. O Fluminense vinha de levantar o campeonato carioca de 1911 quando a maioria dos seus jogadores campeões entrou em litígio com a diretoria por motivo da designação do capitão do time. A diretoria queria Oswaldo Gomes e os jogadores queriam Alberto Borgerth. Venceu a diretoria e Oswaldo Gomes foi designado, pelo "ground committee", capitão do time. Mas os jogadores arrumaram as suas trouxas e procuraram outro clube. Esse outro clube foi o Flamengo, que então só tinha seção náutica e que criou uma seção de futebol para acolher os rapazes vindos do Fluminense. Eram nove ao todo, tendo ficado apenas dois no clube tricolor. Assim no campeonato de 1912 surgiu mais um concorrente: o Flamengo — com quase todo o quadro campeão do ano anterior pelo Fluminense. E o primeiro Fla-Flu, por tôdas essas circunstâncias, constituiu-se uma atração extraordinária. E trouxe consigo também a primeira grande surpresa do "clássico" que nascia, de vez que os rapazes tricolores que haviam formado o segundo time de 1911, com o reforço de Oswaldo Gomes e Calvert, impuseram-se sensacionalmente por 3 a 2 aos seus antigos mestres do primeiro time: Baena, Pindaro, Nery, Galo, Baiano, Borgerth, Gustavinho, Amarante. Estava lançada desde então a semente do sensacionalismo que acompanharia o Fla-Flu pelo resto da sua existência, que o tornaria um "match"-legenda. Porque a verdade é que do Norte ao Sul do país, em qualquer subúrbio das capitais, quando um jogo se projeta um pouco mais, quando desperta um interesse um pouco maior, a referência é certa e infalível: — é o Fla-Flu da zona, porque Fla-Flu na linguagem comum da torcida resume tudo isso: interesse, sensação, colorido.

Uma cousa ...



...exige outra



Polvilho Antisséptico GRANADO



constituiu-se uma atração extraordinária. E trouxe consigo também a primeira grande surpresa do "clássico" que nascia, de vez que os rapazes tricolores que haviam formado o segundo time de 1911, com o reforço de Oswaldo Gomes e Calvert, impuseram-se sensacionalmente por 3 a 2 aos seus antigos mestres do primeiro time: Baena, Pindaro, Nery, Galo, Baiano, Borgerth, Gustavinho, Amarante. Estava lançada desde então a semente do sensacionalismo que acompanharia o Fla-Flu pelo resto da sua existência, que o tornaria um "match"-legenda. Porque a verdade é que do Norte ao Sul do país, em qualquer subúrbio das capitais, quando um jogo se projeta um pouco mais, quando desperta um interesse um pouco maior, a referência é certa e infalível: — é o Fla-Flu da zona, porque Fla-Flu na linguagem comum da torcida resume tudo isso: interesse, sensação, colorido.

QUATRO ENCONTROS PELOS ESTADOS

**O** PRESTÍGIO do Fla-Flu é tão grande nos Estados do Brasil, que em nada menos de quatro adiantados centros desportivos estaduais o Fla-Flu já foi levado à cena. Assim rubro-negros e tricolores já se exibiram em Fortaleza, onde o Fluminense venceu por 5 a 2; em Salvador (Bahia) onde o Flamengo venceu por 5 a 0; em Recife, onde houve um empate de 1x1, e em Porto Alegre, onde houve um empate também de 1x1. Melhor demonstração não poderia haver do prestígio do Fla-Flu nos Estados do que essas exhibições especialmente proporcionadas aos fãs cearenses, baianos, pernambucanos e gaúchos. Nenhum outro dos chamados "clássicos" do futebol carioca já mereceu dos desportistas estaduais tão alta mostra de interesse. A de o quererem "ver" com os próprios olhos, não se satisfazendo em o "ouvir" apenas pelo rádio.

FLA-FLU, DENOMINAÇÃO DE 1925

**C**ABE a propósito do Fla-Flu um esclarecimento útil. É que essa denominação assim abreviada, de um e do outro clube, só surgiu efetivamente em 1925. Nessa ocasião, tendo de formar o "scratch" carioca para disputar o campeonato brasileiro de futebol e sem muito tempo para selecionar jogadores, o Sr. Joaquim Guimarães decidiu formar um combinado somente de jogadores do Flamengo e do Fluminense. E daí surgiu o "scratch" logo batizado de Fla-Flu com Haroldo (Fluminense) Penaforte (Flamengo) e Hélcio (Flamengo) — Nascimento (Fluminense) Floriano (Fluminense) e Fortes (Fluminense) — Newton (Flamengo) — Candiota (Flamengo) — Nonô (Flamengo) — Nilo (Fluminense) e Moderato (Flamengo). Na reserva, Batalha (Flamengo), Paulo (Fluminense), Japões (Flamengo), Seabra (Flamengo), Lagarto (Fluminense), Vadinho (Flamengo), Coelho (Fluminense) e Moura Costa. Esse "scratch", embora farta-



A competição das "torcidas" foi em 1936 uma das grandes atrações do Fla-Flu de Mario Filho, que foi...

mente criticado na ocasião, acabou sagrando-se campeão brasileiro de 25 e a denominação de Fla-Flu que lhe havia sido dada caiu no agrado da torcida, de forma que os jogos entre rubro-negros e tricolores passaram a ser chamados, desde então, somente de Fla-Flu.

1936 MARCOU UM RECORDE DE FLA-FLUS

**H**OUVE um ano em que o Fla-Flu provou com o maior êxito o seu real prestígio na massa popular. Isto em 1936, quando foram realizados nada menos de dez Fla-Flus, assim compreendidos: um pelo Torneio Aberto, que terminou igual em 2 a 2. Três pela competição desempate do referido Torneio Aberto, que acusaram estes resultados: empate de 2x2, empate de 1x1 e Flamengo 1x0. Três pelo campeonato da Liga Carioca de Futebol, então em três turnos e cujos resultados foram estes: Flamengo 2x0, Fluminense 2 a 1 e Empate 1x1. Por último, três na competição desempate do campeonato da cidade, que acusou estes resultados: empate de 2 a 2, Fluminense 4 a 1 e empate de 1 a 1. Como se vê, dez Fla-Flus num ano só com duas vitórias para cada time e seis empates.

**FLA-**

**O "MATCH"-**

EQUILIBRIO NOTAVEL NA ESTATÍSTICA

**I**NICIADA em 1912, a história do Fla-Flu apresenta um total de 90 jogos de campeonatos oficiais. E desse total o Flamengo conta com trinta e uma vitórias, o Fluminense com



Flu. Agora, quinze anos depois, essa competição será revivida por iniciativa aliás, o seu criador.

# FLU

## LEGENDA

vinte e nove e há trinta empates. Um equilíbrio quase perfeito, quase cem por cento. E que tem sido, aliás, a marca predominante do clássico cotejo. Basta dizer-se que são poucas, muito poucas, as goleadas registradas entre ambos. O escore maior pró Flamengo foi o de 6 a 1 em 1944 e o escore maior pró-Fluminense foi o de 5 x 2 em 1946. O "placard" de 5 x 0, 1915, e o Flamengo teve também um Fluminense um de 4 x 0, em 1919. O escore de 1 x 1 é o que mais vezes foi registrado entre ambos: 18 vezes. O "placard" branco — 0 x 0 — apenas uma vez foi verificado: em 1944. Nas vitórias o resultado mais vezes assinalado foi o de 2 x 1, num total de 16 vezes, sendo oito em favor de cada time. O escore mínimo — 1 x 0 — foi registrado oito vezes, sendo cinco em favor dos tricolores e três, dos rubros-negros.

Na contagem dos gols o Flamengo está com a vantagem de nove, no "placard" total de 156 a 147. Assinale-se que no período amadorista, de 1912 a 1932, os dois clubes igualaram-se nos gols: 69 a 69. No profissionalismo, porém, de 1933 até 1950, o Flamengo marcou 87 gols contra 78 do Fluminense.

### OS "PLACARDS" DO CLASSICO

Nos seus vinte e nove anos de disputa, em campeonatos oficiais, de 1912 a 1950, o clássico Fla-Flu apresentou os seguintes resultados:

**AMADORISMO:** 1912 — Fluminense 3x2 e Flamengo 4x0.

- 1913 — Flamengo 6x3 e Flamengo 3x0.
  - 1914 — Flamengo 3x2 e Flamengo 2 a 1.
  - 1915 — Flamengo 5 a 0 e Empate 1 a 1.
  - 1916 — Flamengo 4 a 1 e Fluminense 3 a 1.
  - 1917 — Fluminense 4 a 1 e Empate 2 a 2.
  - 1918 — Fluminense 3 a 0 e Empate 2 a 2.
  - 1919 — Fluminense 3 a 1 e Fluminense 4 a 0.
  - 1920 — Flamengo 2 a 1 e Empate 2 a 2.
  - 1921 — Flamengo 4 a 3 e Empate 1 a 1.
  - 1922 — Fluminense 1 a 0 e Empate 1 a 1.
  - 1923 — Empate 1 a 1 e Empate 2 a 2.
  - 1924 — Empate 1 a 1 e Fluminense 4 a 2.
  - 1925 — Fluminense 3 a 1 e Empate 1 a 1.
  - 1926 — Empate 1 a 1 e Flamengo 2 a 0.
  - 1927 — Flamengo 1 a 0 e Empate 1 a 1.
  - 1928 — Fluminense 4 a 1 e Flamengo 3 a 2.
  - 1929 — Fluminense 1 a 0 e Fluminense 1 a 0.
  - 1930 — Fluminense 1 a 0 e Fluminense 2 a 0.
  - 1931 — Fluminense 2 a 1 e Flamengo 1 a 0.
  - 1932 — Flamengo 4 a 0 e Empate 1 a 1.
- Resumo: 42 jogos; 15 vitórias do Flu, 14 do Fla e 13 empates. Gols: Flamengo 69 x Fluminense 69.
- PROFISSIONALISMO:** 1933 — Flamengo 3 a 1 e Fluminense 2 a 0.
- 1934 — Flamengo 3 a 1 e Empate de 2 a 2.
  - 1935 — Empate 2 a 2 — Fluminense 3 a 1 e Fluminense 2 a 1.
  - 1936 — Flamengo 2x0 — Fluminense 2x1 — Empate 1x1.
- Desempate do título: Empate 2x2 — Fluminense 4x1 e Empate 1x1.
- 1937 — Fluminense 1x0 e Empate 1x1.
  - 1938 — Fluminense 2x0 e Flamengo 5x2.
  - 1939 — Empate 2x2 — Flamengo 2x1 e Flamengo 2x1.
  - 1940 — Flamengo 2x1, Fluminense 2x1 e Flamengo 2x1.
  - 1941 — Flamengo 3x1 — Flamengo 4x1 — Fluminense 4x2 e Empate 2x2.
  - 1942 — Fluminense 2x1 — Flamengo 1x0 e Empate 1x1.
  - 1943 — Flamengo 2x0 e Empate 2x2.
  - 1944 — Empate 0x0 e Flamengo 6x1.
  - 1945 — Flamengo 2x1 e Empate 1x1.
  - 1946 — Flamengo 5x2 e Fluminense 5x2.
- Super-campeonato: Empate 1x1 e Fluminense 4x1.
- 1947 — Empate 3 a 3 e Empate 1 a 1.
  - 1948 — Empate 1 a 1 e Flamengo 2 a 1.
  - 1949 — Fluminense 2 a 1 e Empate 1 a 1.
  - 1950 — Fluminense 2x1 e Flamengo 5x2.
- Resumo: 48 jogos; 17 vitórias do Fla, 14 do Flu e 17 empates. Gols: Flamengo 87 x Fluminense 78.
- Números totais: Jogos 90; Vitórias do Flamengo 31; Vitórias do Fluminense 29; Empates 30. Gols: Flamengo 156 x Fluminense 147.



Robertinho e Haroldo num lance do Fla-Flu de 1946. Ao fundo Vevé.

**P**RINCIPIA pelo seguinte: quiper nenhum vira quiper de verdade por tendência ou porque haja nascido talhado para jogar debaixo dos "três paus". Se não, se duvidam, é só percorrer a escala, contar os nomes, perguntar e tirar as deduções. Tirando-se as deduções é que a gente chega a esta conclusão: todos eles — pelo menos um em cada cem destinos — fracassaram em suas iniciativas e tentativas de chegar a ser outra coisa — zagueiro, médio, ou atacante.

Amado mesmo grande como foi, grande dentre os maiores guarda-valas que surgiram no Brasil desde que o futebol aqui existe, tornou-se arqueiro unicamente porque lhe faltaram condições, as tais condições indispensavelmente "especiais", para jogar noutra lugar.

Enfim, os exemplos são vários e a lista é infinita. Ai está Batatais que não nos deixa mentir. Pois indaguem a Batatais como foi que ele chegou a ser arqueiro.

— Eu? Como cheguei lá? Sem querer. Isto é, querendo ser meia, extrema, na pior das hipóteses extrema, quando me mandaram para o gol, do jeito como se toca um cachorro da igreja...

— E rocê?

— Ora, que remédio! Que remédio se não havia outro recurso?...

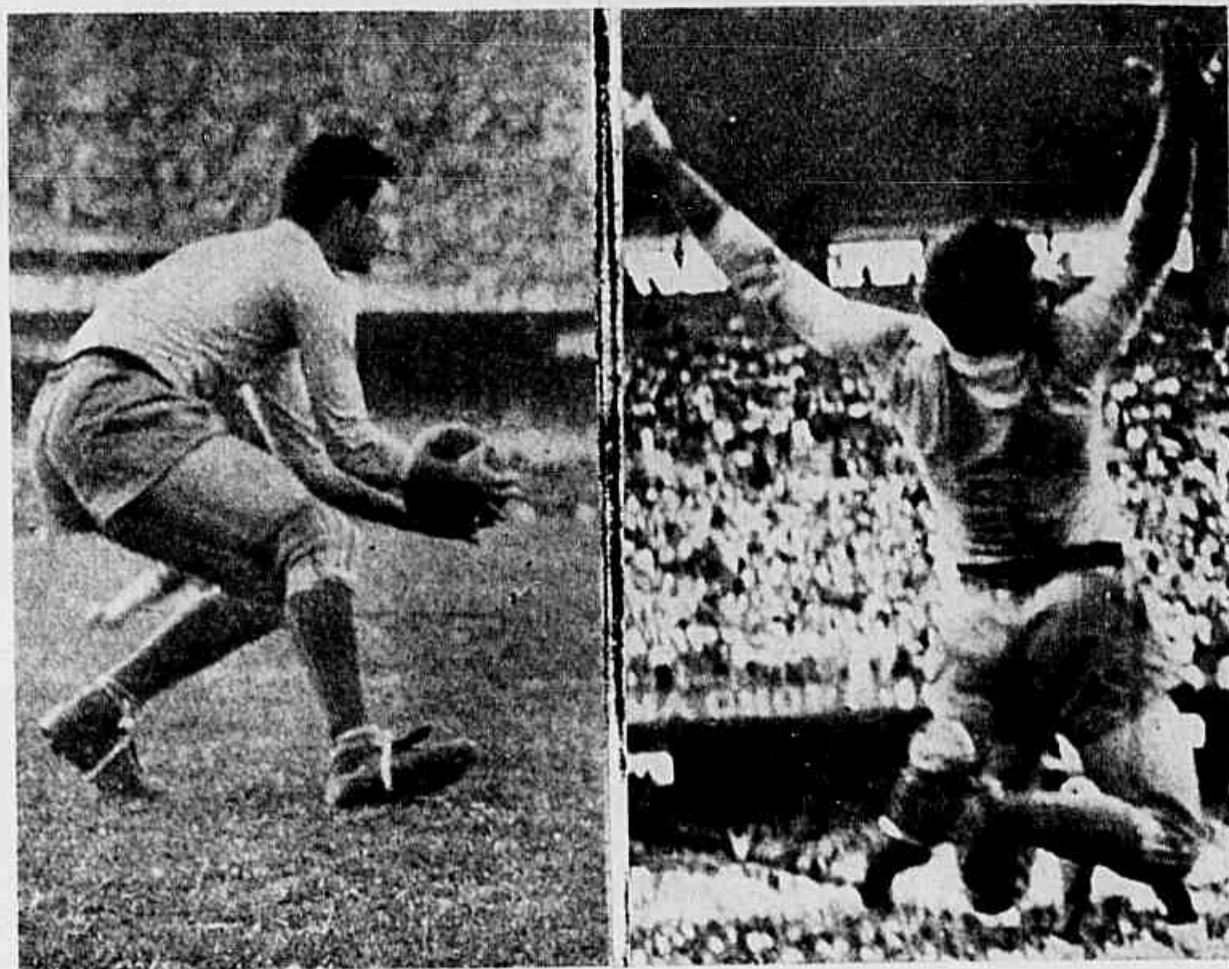
#### REFUGIO DE FRACASSADOS

**E'** UM posto para fracassados, para os que não dão nada na área. Ou mais na "meio", ou, então, mais na "frente", na frente de todos.

É, a bem dizer, sem o menor vislumbre de exagero, o derradeiro refugio dos fracassados, uma especie de válvula de escape para os pobres "pernas duras", para os errados de natureza, os grandalhões, os pesados e os lentos em excesso.

Na maioria dos casos de "revelação", essas revelações se verificaram às custas próprias. Sendo "mão de pau" no princípio, sendo "mão bôba" até acertar. Até chegar ao ponto desejado.

Eu me lembro de Jaguaré Bezerra de Vasconcellos. Dei-me com Jaguaré, e tinha veleidades de arqueiro. Jaguaré sempre costumava dizer, sempre aconselhava, com aquê seu ar de prudente deboche, de disfarçado deboche, não querendo ferir nem desiludir ninguém:

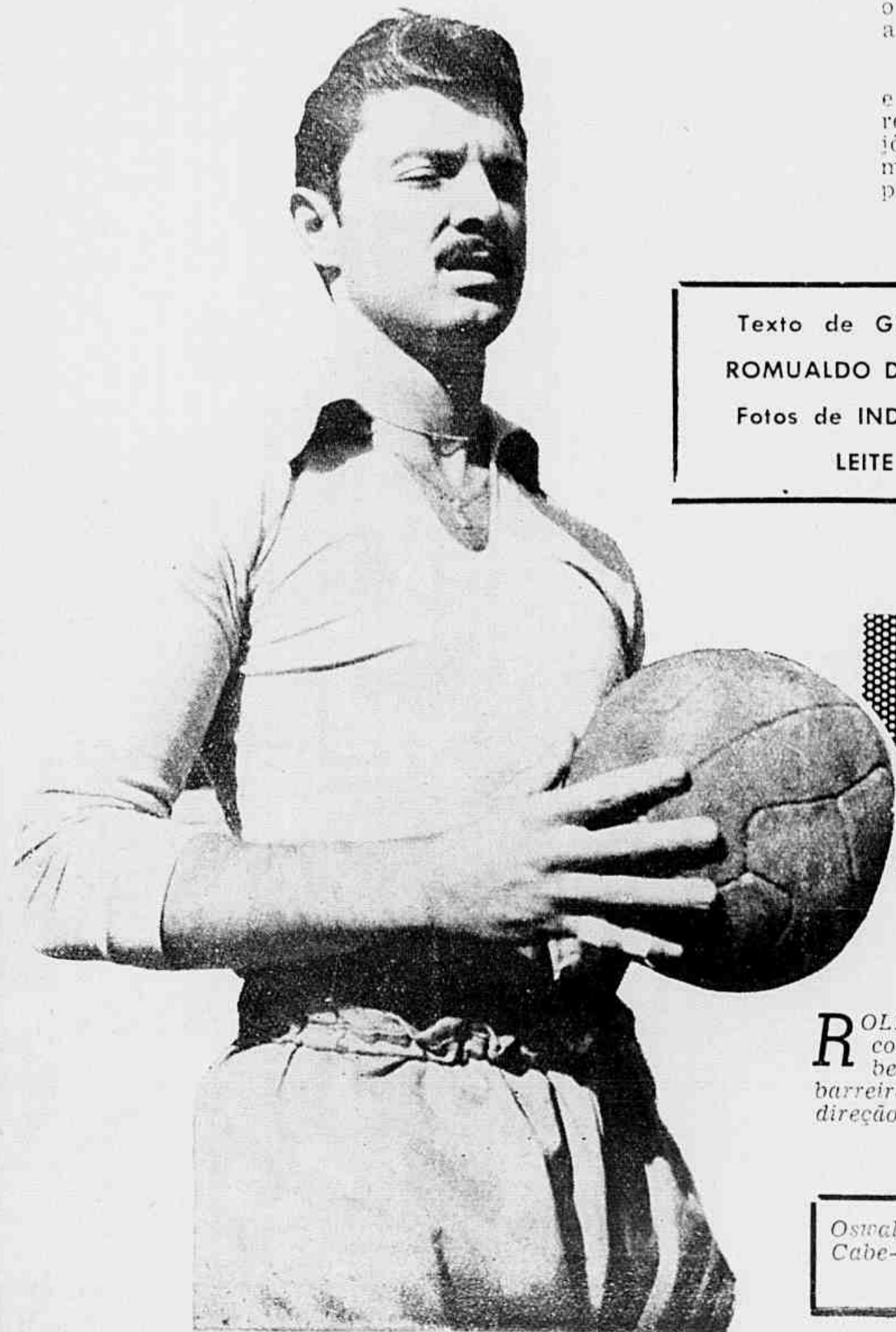


Antes de se fixar no posto de quiper, Oswaldo foi meia-direita, centro-avante e meia-esquerda.

— Olhe aqui: para se ser quiper é necessário, acima de tudo, possuir tamanho. O tamanho é básico. Não vá querer ser "tapa gol", com metro e meio de tamanho. Isso é praticamente impossível. Depois, vem o que se costuma chamar de "golpe de vista", o que não deixa de ser providencial, muitíssimo providencial para a gente.

Seguia contando:

— Eu mesmo poderia ser atacante. Tinha chute (ainda tenho, e dos bons), mas custava a arrumar meio de "atirar". Um dia, porém, mandaram-me para o gol, e eu fui como quem ia para fora do jogo. Mas, quando quis reduzir tudo a zero, rebatendo de qualquer maneira, vi que estava acertando, e o resto também viu, como eu próprio vi, que era ali que eu devia ficar...



Texto de GERALDO  
ROMUALDO DA SILVA  
Fotos de INDAIASSÚ  
LEITE

**Oswaldo,  
o "PIN UP" do  
FUTEBOL**

#### O ESTRANHO CASO ROLIM

**R**OLIM era "simplesmente" atleta do Vasco. Havia sido quiper em colégio, muito tempo antes, aventura que não lhe passava pela cabeça nunca mais repetir. De repente, num intervalo de treino de barreira, calçado de sapato-tenis, cismou de bater umas bolas e saiu em direção ao arco.

Oswaldo tem a aparência cinematográfica que agrada às moças. Cabe-lhe bem a legenda de "pin-up" do futebol. É fotogênico, e as fãs verão no seu retrato um bom adorno para a parede.

**Estranhos casos de revelações jogados fora... — Nem todos atingiram à celebridade por escolha própria — Rolim, Jaguaré, Batatais e, agora, Oswaldo — Dez gozadores e um desgraçado...**

Sucedeu apenas isto: Welfare, então técnico do Vasco, atormentado pela falta de Jaguaré, que permanecera em Espanha, sem confiança nas reservas que sobravam, três ou quatro, chamou Rolim e pediu-lhe que fizesse uma prova no treino. Rolim concordou, ensaiou e, no domingo seguinte (o fato se passou numa quinta-feira), fazia a sua estréia no segundo time. Mais ainda: quinze dias depois estava integrando o quadro principal.

No fim acabou se alistando no Flamengo. Sendo titular do Flamengo durante um ano e tanto.

#### O OUTRO OSWALDO

**A**TUALMENTE, dos guarda-valas projetados com mais ruído pelo futebol brasileiro, Oswaldo (do Bangu) foi o que mais cobiça desperdiçou aqui e em São Paulo. Mas Oswaldo, como tantos arqueiros feitos no Rio ou procedentes da Paulicéia, também não nasceu "especialmente" para ser quiper. Prova é que, enquanto não era só quiper, andou correndo a escala do ataque — procurando a todo custo ser meia-direita, centro-avante, meia-esquerda, na falta de vaga, então, "vizinho da cerca"...

— Até quando — durou quantos anos, Oswaldo?

Oswaldo explica:

— Ah! durou anos. Durou mais anos do que os anos que tenho de primeira divisão. Meses antes de entrar para o Ipiranga, desiludido por não conseguir nada noutra lugar, olhei no "espelho" de meu "velho" (meu pai havia sido quiper em sua mocidade, muito bom quiper, diga-se de passagem, bom e campeão de fato), e, ai, mudei de rumo definitivamente. Ai cheguei ao que sou...

#### DEZ GOZADORES E UM DESGRAÇADO

**T**EOFILO Betencourt Pereira não estava perto, mas Oswaldo repetiu a mesmíssima expressão de Teofilo, que, em dada ocasião, chegou a defender as cores do "scratch" brasileiro, jogando de ponta-esquerda:

— Infeliz dos que têm a desventura de escolher essa posição! Repare que enquanto dez sujeitos gozam a vida, dentro do campo, e passam noventa minutos dividindo entre si as desgraças de um "placard", um só, só o quiper tem de permanecer na expectativa do pior, certo de que a qualquer momento poderá vir abaixo por causa de lances que se perdem a todo instante.

"Fura" o zagueiro; os médios erram, chutam por cima os atacantes — todos cometem asneiras, enganos e tolices — nós, unicamente nós, não temos nunca o direito de errar, de falhar, de fracassar — por quê? Que diferença faz ficar lá atrás ou correr lá na frente?

Oswaldo, odontólogo e proprietário, nem por isso entra em desânimo. Acredita que seu dia chegará, o dia que será de uma classe inteira... Mas enquanto espera por esse dia, convencido de que triunfará, pela mocidade e pela capacidade, admite e confessa:

— Os técnicos podem não fazer muito pelos atacantes e pelos médios. Mas têm uma influência extraordinária na definição dos arqueiros. Um grande técnico nunca deixa de fazer grandes arqueiros.

#### MALCHER, VÍTIMA DO DESTINO

(Conclusão da pág. 15)

#### "SHOW" COMPLETO NA COPA RIO

**F**ALTAVAM trinta segundos para o término do primeiro jogo das semi-finais entre o Austria e o Juventus, realizado em São Paulo, no Pacaembu, pela Copa Rio. Venciam os italianos por 3x2. Houve um "hands-penalty" na área do Juventus. Malcher estava perto, viu e marcou. Aureldic cobrou e converteu no tento de empate, sendo portanto de 3x3 o resultado da contenda. Viola (arqueiro) e Mucinelí (ponta-direita), correram para Malcher e tentaram agredi-lo. Erraram o objetivo e "acertaram" um subdelegado paulista. Não será preciso dizer que ambos acabaram presos...

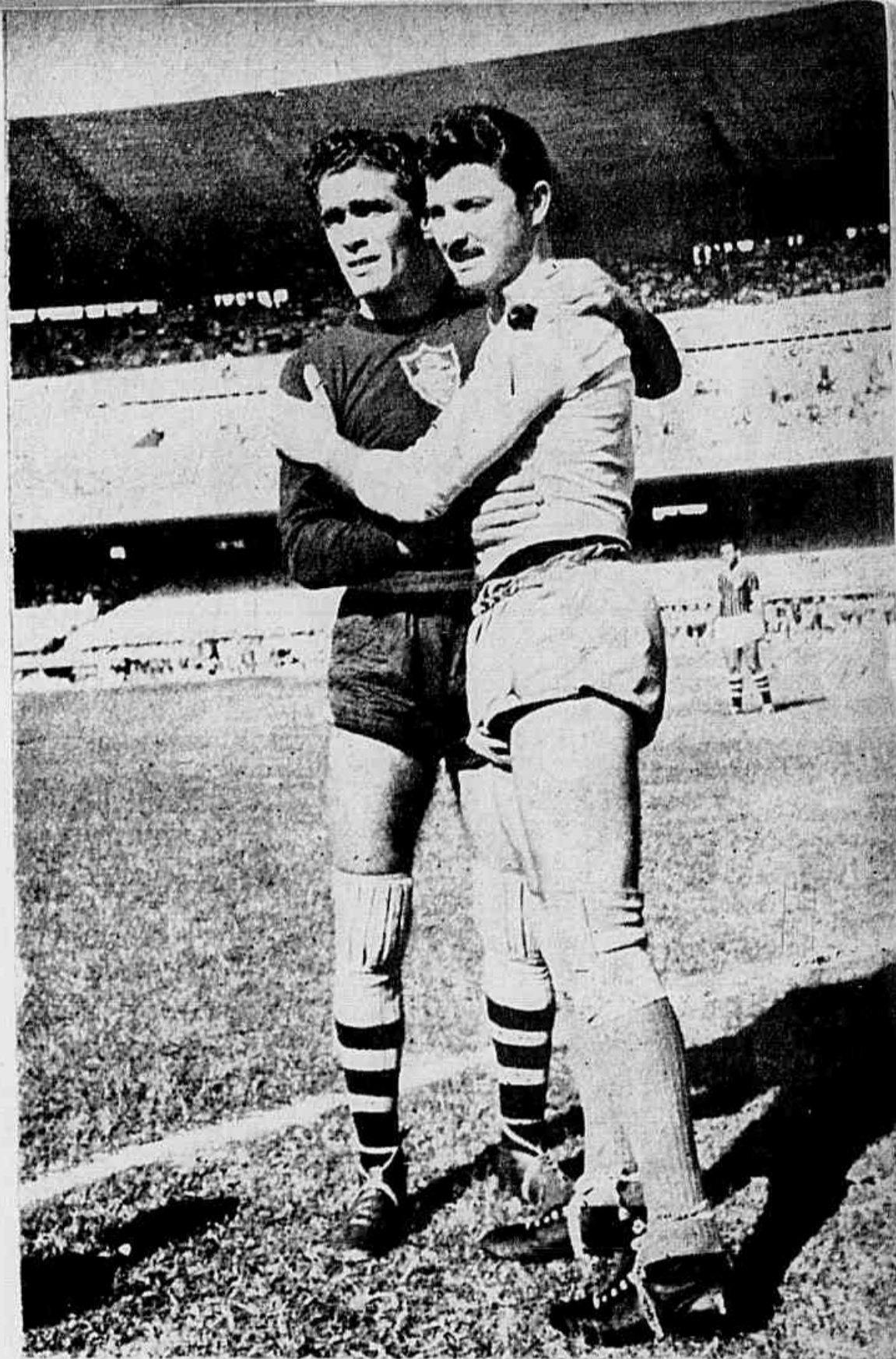
#### FOI O "CORVO" DO CLUBE QUE PLEITEIA AGORA SUA EXCLUSÃO

**F**INS de 49, princípios de 50, em virtude do campeonato invicto que o Vasco tirara naquele ano chamavam-no de Corvo. Era o símbolo cruzmaltino das vitórias, tal o número de triunfos obtidos pelo grêmio de São Januário em jogos disputados sob a sua direção, na temporada anterior. Recebera, inclusive, naquela época, dos torcedores irreverentes, outro nome, o de Vasco da Gama Malcher... O grêmio da Cruz de Malta já venceu mais de trinta vezes, em tais circunstâncias e teve apenas três derrotas: contra o América, em São Januário, o Botafogo e Flamengo, este agora recentemente. Uma penalidade máxima, decidindo o jogo pró-rubros, foi o pomo das discórdias Vasco — Malcher. Acentuadas mais ainda agora, depois do impedimento que invalidou o gol de Friaça, que seria o do empate, e a expulsão de Danilo, no clássico perdido para Flamengo, depois de seis anos de "freguesia"... Hoje o Vasco está se batendo pela exclusão do juiz, aquele que até bem pouco era chamado Vasco da Gama Malcher... O árbitro paraense, a exemplo do que já ocorrera com Alípio Peixoto, Carlos de Oliveira Monteiro (o Tijoio que voltou graças a Carlito Rocha) e, antes, Solon Ribeiro, também seria excluído do quadro por proposta do Vasco.

#### "MINHA VIDA É UM LIVRO ABERTO"

**P**ERGUNTE-SE a Malcher o que é que ele acha de tudo isso. Depois de um suspiro, receberão como resposta simplesmente isto:  
— Minha vida é um livro aberto. Posso formação moral e não admito que ninguém tenha sombras de dúvidas, sequer, de minha integridade. Não sei ser desse tipo de juizes "acomodados". Não temo consequências: marco tudo o que vejo. Se fizesse o contrário, talvez conseguisse ser mais feliz e agradar a gregos e troianos. Mas prefiro enfrentar qualquer sacrifício, a viver as tormentas de uma consciência pesada. Qual é o árbitro que não está sujeito a toda essa espécie de incidentes desagradáveis? Quem pode atirar a primeira pedra?

Castilho, do Fluminense, é um dos amigos com que já conta Oswaldo no Rio. Moço, elegante e diplomado, Oswaldo deve ser já o mais querido crack da torcida feminina.





Perigo no arco do América. Pularam Osny e Nestor, mas o goleiro conseguiu dominar a bola.

Gol de Índio. Osny venceu e dentro das rédeas, depois de tentarem evitar o tento Osnar e Oswaldinho.



Uma defesa arrojada de Osny, protegido por Oswaldinho.

Após a vitória sobre o América, Esquerdinha e Hermes estão satisfeitos.

## Reação vitoriosa no 2.º tempo

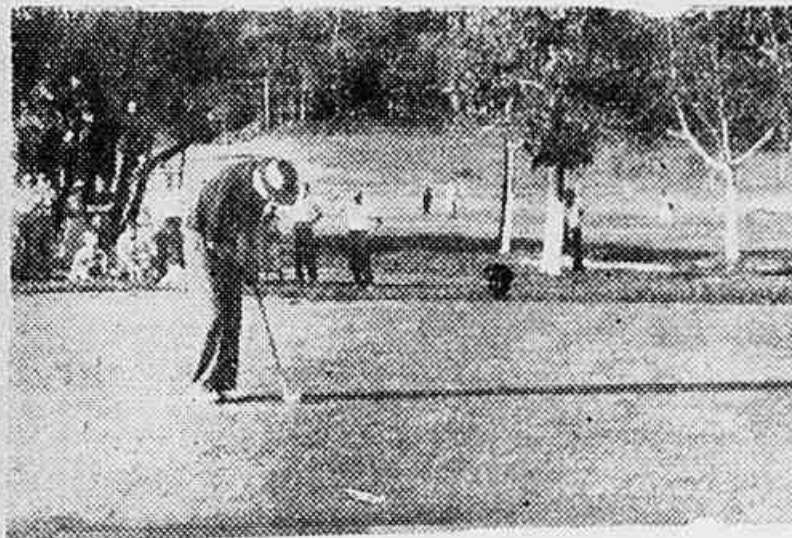
**A** PARTIDA inaugural da rodada, na tarde de sábado no Maracanã, mostrou Flamengo e América jogando uma partida em que cada equipe dominou um tempo da luta. Assim foi que o América, na primeira fase, conquanto só lograsse marcar um tento, foi o dono do campo. Exibiram-se muito melhor os rubros, dominando o jôgo e chegando a dar a impressão de que a partida estava nas suas mãos. A defesa rubra dominava com facilidade os dianteiros contrários, enquanto a ofensiva ia inteiramente livre ao reduto do Flamengo. Pavão e Dequinha não acertavam nunca, mas disso não se aproveitava a dianteira do América, pouco inspirada. Aliás, foi esse o ponto fraco do América, pois que, tivesse uma ofensiva em dia de produção, o caminho do marcador lhe seria fácil. E essa deficiência afinal lhe foi funesta, porque na fase final entrou em campo outro Flamengo, conseguindo logo o empate e acertando tôdas as jogadas que perdera no primeiro tempo. A balança foi subindo e, enquanto o prato do América descia, com a confusão que se foi apossando de seus defensores, melhorava a situação do Flamengo, sempre correndo mais, encontrando afinal o jôgo e a vitória. A verdade é que o Flamengo, de dominado, passou a dominar, e, como teve maior capacidade ofensiva, marcou os tentos que faltaram ao América para ser vencedor. O que impressionou foi a recuperação do Flamengo, que viu Dequinha acertar, Pavão melhorar bastante a sua produção e Nestor prestar mais serviços ao ataque. Fazendo-se a análise dos dois tempos, os melhores foram Biguá e Bria na defesa, seguidos por Cláudio e o próprio Bigode, que reapareceu bem. No ataque, Índio fez os dois tentos e foi o que mais produziu para a ofensiva. Esquerdinha também muito produtivo, Rubens regular e Nestor e Hermes fracos. No América, o desmoroamento começou com a queda de produção de Oswaldinho e a contusão de Rubens. Veio em seguida o gol do empate e o América não se encontrou mais. O ataque viu-se desamparado, e o próprio Ranulfo atuou mal no segundo período. Mameco foi o elemento que mais trabalhou no ataque, mesmo nos momentos de adversidade final, tentando os ataques de desespero, em que o América procurava desesperado um empate, depois de ter à mão a vitória.

## Os outros jogos

**A** RODADA terminou com uma novidade: um só líder, que é no caso o Fluminense, com a vitória espetacular frente ao Olaria e o empate no Maracanã, entre Vasco e Bangu. A situação do certame é a seguinte: 1.º — Fluminense — treze pontos ganhos e três perdidos; 2.º — Vasco, Bangu e Botafogo — doze pontos ganhos e quatro perdidos; 3.º — Flamengo e América — dez pontos ganhos e seis perdidos; 4.º — Olaria — sete pontos ganhos e nove perdidos; 5.º — S. Cristovão — 6 ganhos e doze perdidos; 6.º — Madureira e Bonsucesso — três ganhos e treze perdidos; 7.º — Canto do Rio — dois ganhos e dezesseis perdidos. As arrecadações da rodada foram as seguintes: Flamengo x América — Cr\$ 495.353,00; Vasco x Bangu — Cr\$ 587.540,00; Fluminense x Olaria — Cr\$ 107.115,00; Botafogo x Madureira — Cr\$ 23.590,00; e S. Cristovão x Canto do Rio — Cr\$ 7.615,00, dando o total para a rodada de Cr\$ 1.223.213,00. Na parte das arrecadações dos candidatos ao Rio-S. Paulo a ordem é a seguinte: Vasco — Cr\$ 1.905.480,00; Flamengo — Cr\$ 1.727.439,00; Fluminense — Cr\$ 1.212.372,50; Bangu — Cr\$ 971.038,50; América — Cr\$ 878.064,50;

Botafogo — Cr\$ 773.540,00. Os marcadores de tentos na rodada foram os seguintes: Fluminense 5 (Carlyle 2, Joel 2 e Telê) x Olaria 1 (Cidinho); Botafogo 3 (Ariosto 2 e Zezinho) x Madureira 1 (Alfredinho); São Cristovão 3 (Nonô 2 e Geraldino) x Canto do Rio 1 (Almir); Flamengo 2 (Índio 2) x América 1 (Natalino); e Vasco 1 (Friaça) x Bangu 1 (Nívio). O líder dos artilheiros continua sendo Carlyle, agora com doze pontos, seguido por Nívio, com sete, vindo depois Joel (Bangu), Edmur, Simões e Joel (Fluminense), com seis; Dimas, Nonô, Índio e Ariosto, com cinco; Didi e Hermes, com quatro, e outros com menos. A linha do Fluminense continua sendo a mais positiva, agora com vinte e oito gols, seguida do Bangu, com dezoito, do América, com dezessete, do Vasco, com dezessete, do Olaria, com dezesseis, do Botafogo, com quatorze, do Flamengo, com 12, do São Cristovão e Madureira, com dez, do Bonsucesso, com nove, do Canto do Rio, com oito tentos. O goleiro mais vasado é Joel, do Canto do Rio, com vinte e quatro tentos.

## Campeonato de golf



Uma tacada de Mario Gonzalez, que pela quarta vez consecutiva sagrou-se vencedor do Campeonato Aberto de Golf. O golfista brasileiro suplantou mais uma vez os quatro jogadores estrangeiros que participaram do certame.

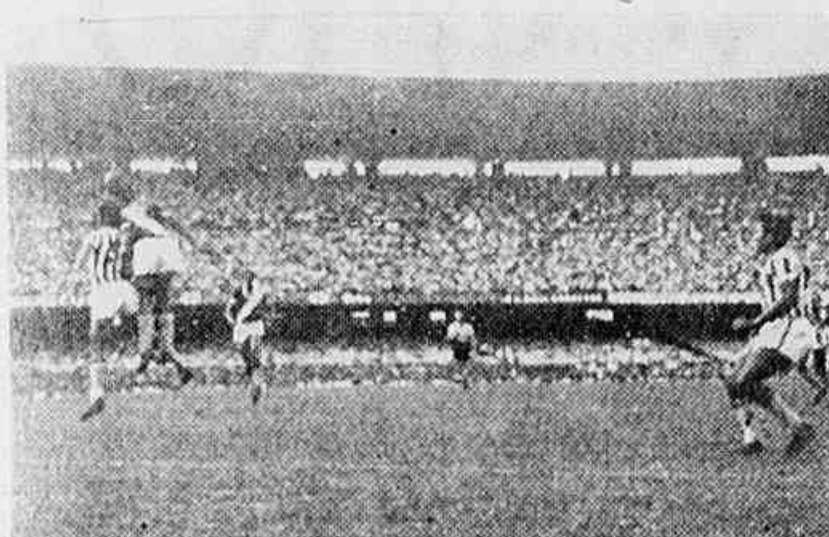


Grande foi a assistência no Gávea Golf, incluindo-se entre os assistentes o Presidente Getulio Vargas, que como admirador do esporte não perdeu um único lance da grande disputa, tendo ao final cumprimentado o vencedor Mario Gonzalez.



A alegria da vitória. Mário Gonzalez, após uma bonita campanha, que durou três dias nos campos do Gávea Golf, recebeu a taça que juntamente com o título de campeão foram os prêmios de sua perícia de melhor golfista do Brasil.

# Um empate sensacional



O "clássico" principal da rodada marcou a queda de dois líderes, resultado de um empate bastante prejudicial ao Vasco e Bangu. A partida não foi das mais interessantes, pois se resumiu na porfia das retaguardas, com grandes jogadores, enquanto os ataques estiveram bem aquém das suas possibilidades. O empate para o Vasco teve tons dramáticos, aparecendo Barbosa como o verdadeiro salvador do time, enquanto o Bangu tudo fez para ganhar, sendo esse esforço expressivamente recompensado com quatro mil cruzeiros de "bicho". No clichê um flagrante da luta de Tesourinha e Djalma.



Isso porque o Bangu começou bem e terminou a partida com ampla vantagem territorial, embora não soubesse tirar partido dessa superioridade pelo mesmo motivo que apontamos acima, isto é, a falta de objetividade da ofensiva. Contudo, não se pode ressaltar a questão de Barbosa. Realmente o goleiro foi a grande barreira que encontrou pela frente o Bangu, e, quando seus dianteiros conseguiam acertar, lá estava Barbosa para impedir tentos quase certos. No clichê o lance do gol do Vasco, vendo-se Friça instantes depois de haver mandado a bola às redes.



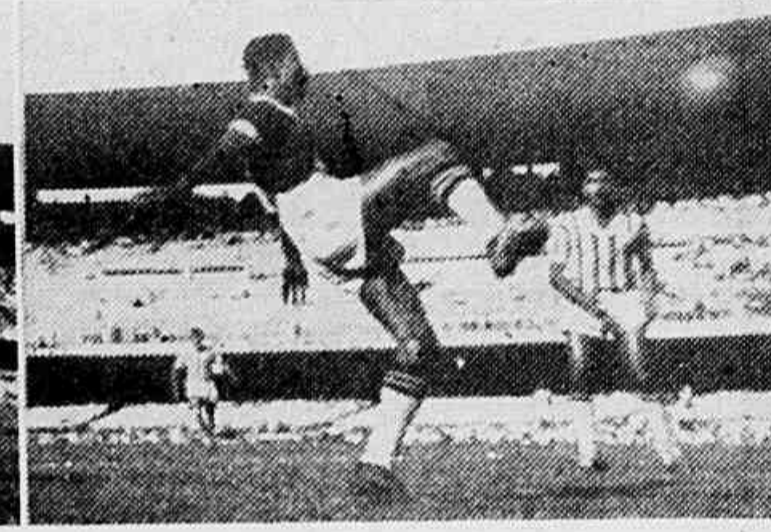
E, no entanto, foi o Vasco que comandou o marcador por muito tempo, assinalando seu gol aos cinco minutos da fase inicial e só cedendo o empate no trigésimo minuto da fase final. Mas não foi uma grande equipe, com capacidade para lutar por esse gol e o resultado foi que, a despeito da excelência de Barbosa, o tento do empate veio afinal, o que ainda foi o menos mau, porque o esquadrão cruzmaltino esteve seriamente ameaçado até da derrota. No clichê, Clarel e Ely pulam na bola.



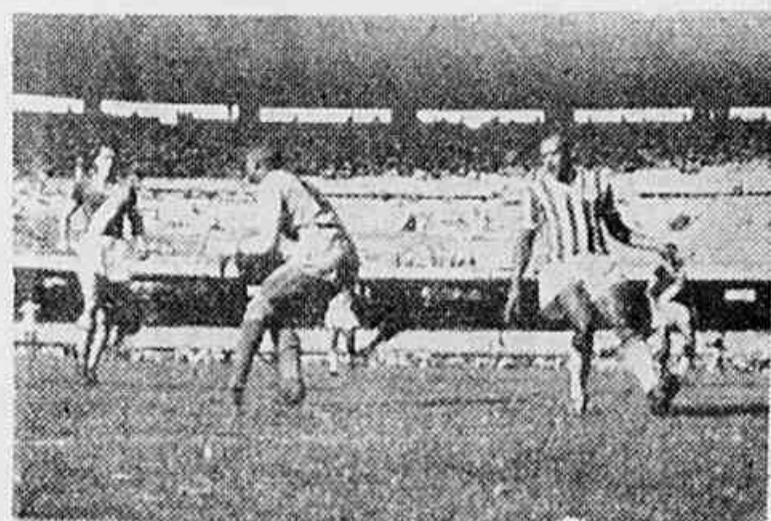
O Bangu mostrou-se relativamente bem. Dizemos relativamente, porque vimos uma ótima defesa, enquanto a ofensiva, mesmo contando com Zizinho, não esteve à altura da produção do resto do time. Sim, porque enquanto Zizinho foi um grande crack, seguido de longe apenas por Nívio, os demais companheiros erraram a mais não poder. Menezes, Joel e Moacyr, bons jogadores de outras ocasiões, falharam desta feita. Mostra o clichê, Tesourinha caído após o choque com Rafanelli.



O que aconteceu com o Vasco é o que vem acontecendo desde o princípio do campeonato. Há a falta de Ademir, que não pode ser negada, nem quando vence o grêmio cruzmaltino, falta essa ainda mais agravada com a ausência de Danilo. Contra o Bangu, praticamente, só houve defesa, e mesmo assim sem a solidez costumeira, enquanto no ataque, apenas Tesourinha jogou o que sabe. Os demais poucas vezes conseguiram armar com sucesso uma jogada. No clichê, defesa de cabeça de Ely.



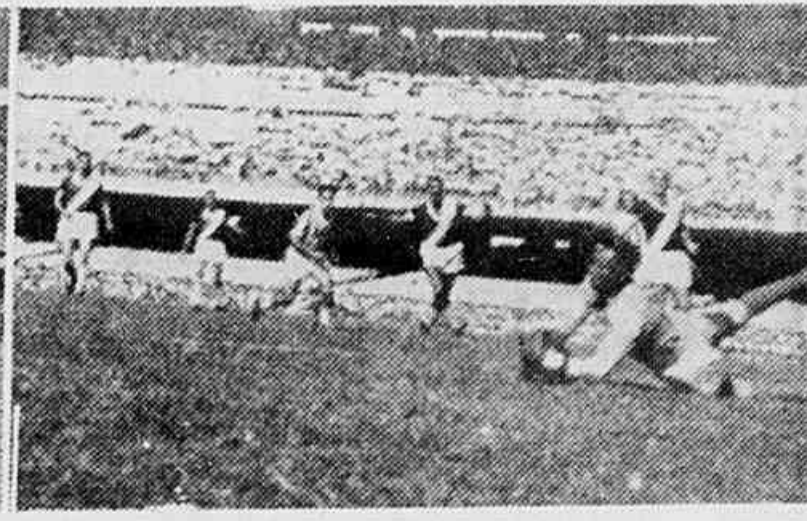
Analisando a defensiva banguense, vimos Oswaldo sem muito trabalho, falhando no lance anterior à conquista do gol, por não cortar o centro alto de Friça. Mendonça foi um bom zagueiro e Rafanelli levou vantagem no jogo alto. Quase falha em duas ocasiões. Mirim ativo na defesa e ataque. Pinguela também um elemento de alta produção; Djalma voltou com a tarefa difícil de marcar Tesourinha. Andou se atrapalhando um pouco, mas ainda assim foi um bom médio. No clichê, Jorge suspende a bola na frente de Moacyr Bueno.



Na ofensiva, a começar por Menezes, pode-se dizer que foi simplesmente lamentável a sua atuação. Zizinho, um grande valor, embora com a sua produção prejudicada por ser forçado a atuar muito recuado. Joel foi outro que fracassou, perdendo inclusive muitas oportunidades de gol. O mesmo se pode dizer com respeito a Joel. Resta portanto Nívio, que depois de Zizinho, foi o melhor atacante. Mas nem por isso se pode deixar de assinalar que as oportunidades que perdeu foram as melhores para alterar o marcador. No clichê: Joel chutou e Barbosa defendeu bem.



A ofensiva do Vasco contou apenas com um grande elemento, que foi Tesourinha, aliás, autor da sensacional jogada que redundou no tento do Vasco. A sua luta com Djalma foi cheia de lances emocionantes, tendo levado vantagem nas bolas altas. Ipojuca teve altos e baixos, valendo o forte chute que desferiu quase no final da luta e que bateu na trave superior pelo lado de baixo e voltou ao gramado sem transpor a linha de gol. Edmur enfuso. Maneca só trabalhou bem no meio do campo. Friça começou bem para acabar inteiramente apagado. No clichê nova defesa de Barbosa, e no lance novamente Joel.



Barbosa foi a grande figura do match, com defesas empolgantes no princípio e no fim. A bola de Nívio, que deixou passar, foi por culpa da barreira mal armada. Augusto está em plena volta à forma. Clarel outra vez sólido e eficiente nas jogadas difíceis. Ely um bom jogador, efetuando a sua tarefa de apoiar o triângulo final com acerto. Lola teve a responsabilidade de lutar com Zizinho e foi feliz poucas vezes. Jorge jogou regularmente e não se pode dizer que não tenha sido útil ao Vasco. No clichê mais uma defesa espetacular de Barbosa.

# A REVISTA SESINHO

## NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juízo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama". Guaratingetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

. . . .

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que têm a revista ficam encantados".

a.) IRMÃO ROSARIO, c. c. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

. . . .

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José". — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

. . . .

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possível, os números já publicados, e de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes."

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSMUTUAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

. . . .

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos deste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V. S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitíssimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50.

. . . .

"Agradavelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMÃO ROMANO — Ginásio "Santo Antônio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

. . . .

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista, que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal N. S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaete — Minas — 8-2-50.

. . . .

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V. S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes deste estabelecimento."

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

. . . .

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

# SESINHO

## REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

### DOIS CRUZEIROS

O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

# RUBENS

DESDE QUE ZIZINHO DEIXOU O FLAMENGO QUE O CLUBE DA GAVEA VEM PROCURANDO UM SALVADOR PARA O TEAM



ENTÃO O FLAMENGO PASSOU A CONTRATAR TODOS OS SALVADORES QUE EXISTIAM PELO BRASIL

PERDEMOS UM SOLDADO MAS NÃO PERDEMOS A GUERRA!

CLARO!!! SURTIRA' UM MELHOR DO QUE ZIZA



QUEM QUER SALVAR O FLAMENGO?

EU!

EU

EU

EU

E ATE' O VETERANO ZE' PERACIO SENTIU-SE NA OBRIGACAO DE COMPARECER A GAVEA...

E' A MINHA CHANCE DE VOLTAR!



OUTRO QUE FOI CHAMADO A GAVEA FOI O RUBENS... E FOI LOGO DIZENDO:

CLARO QUE EU ESPERO ESTREIAR VENCENDO O VASCO!!

© FLAMENGO VENCEU O VASCO APÓS 7 ANOS DE SOFRIMENTOS... CUMPRIRÁ-SE ASSIM A PROFECIA DE RUBENS...

EU NÃO DISSE?

VOÇÊ É O MAIOR!

SERÁ RUBENS O MESSIAS TÃO ESPERADO PELO FLAMENGO?

TUDO INDICA QUE SEJA EU MESMO!



CAMPEÃS SUL-AMERICANAS DE VOLLEY-BALL

